

## OS INIMIGOS DA PHILOSOPHIA POSITIVA

---

Augusto Comte distribuiu em tres classes todos os futuros elementos hostis ao seu immortal systema: os theologos, os methaphysicos e os sabios especialistas. Os theologos, porque os irrita toda a tentativa, qualquer que ella seja, de partir os moldes por onde se affeiçoára a intelligencia humana no seu longo periodo de infancia; os methaphysicos, porque a Philosophia Positiva é uma disciplina mental que remette ao campo do incognoscivel as causas primarias e finaes, problemas que a methaphysica explora, e prohibe em nome da sciencia a utopia politica, campo que a revolução cultiva; os especialistas, porque os incommoda a synthese, o horisonte, o ponto de vista largo, a elles que fizeram a sua educação e a sua gloria no estudo estreito e analytico de um ramo especial de conhecimentos. Os factos encarregaram-se de confirmar a lucida previsão do mestre.

Nenhum d'estes inimigos entra desarmado no combate. O theologo vem couraçado pela tradição, pela disciplina clerical e pelo respeito do grande numero; demais, elle dispõe para dominar as consciencias, do pulpito, do confissionario, da escola, do brilhantismo enervante do culto, e apoia-se no espirito maleavel da mulher, da creança, do ignorante pela promessa e pelo terror. O methaphysico tem o vago attrahente da utopia, a declamação, a legenda sympathica das revoluções; sobretudo tem o vigor dos iconoclastas e não exige ao publico os esforços mentaes que o Positivismo reclama dos seus discipulos impondo-lhes o estudo de todas as sciencias. O especialista tem por si a auctoridade rudemente conquistada nas academias, nos gabinetes de estudo e é um temivel luctador porque combate do lado da sciencia. Todas estas armas offensivas têm sido empregadas com frequencia nos variados campos de combate; Bonriot em nome da theologia, Janet em

nome da methaphysica e, não ha muito ainda, Dally em nome dos estudos anthropologicos, todos têm arremessado a sua pedra ao vasto monumento comteano.

E no entanto o Positivismo avança e faz discipulos todos os dias e em toda a parte; as barreiras que os inimigos oppõem á sua passagem gloriosa, caem uma a uma. A theologia, exhausto o seu velho poderio universal, refugia-se no ambiente das classes miseraveis e ignorantes; a methaphysica principia a ser batida dentro das proprias academias; e o espirito de especialização perde terreno entre as gerações novas. Importa consignar este facto: toda a renovação por que na Europa estão passando actualmemente a politica, as sciencias, as artes e as litteraturas é directa ou indirectamente o salutar effeito do espirito positivo d'este seculo, espirito que Augusto Comte, primeiro do que ninguem, soube systematisar. Na França, confessam-no todos os homens imparciaes, a disciplina do partido democratico affirma-se na medida por que a Philosophia Positiva se irradia e propaga. Na Inglaterra, sob o influxo de Stuart Mill, de Bain, de Spencer, de Lewes, surge modernamente uma corrente litteraria e politica que ameaça romper as tradições conservadoras e convencionalistas d'aquelle paiz. Na Allemanha, a terra classica e legendaria da methaphysica, as sciencias progridem rapidamente, graças ao espirito positivo que as fertilisa; e este progresso reflectindo-se inevitavelmente no movimento politico, principia a crear o grande partido de resistencia ao cazarismo do imperio. A Italia deve os seus maiores e mais bellos trabalhos scientificos da actualidade aos discipulos da Philosophia Positiva. Entre nós mesmo, máo grado a reluctancia imbecil das mediocridades officiaes, o Positivismo penetra irresistivelmente todos os dominios da actividade e com elle um largo movimento progressivo nas ideias scientificas, nos modelos litterarios e nos intuitos politicos. E mesmo fóra da Europa, o Positivismo exerce uma decidida influencia; para não citar senão um exemplo, recordemos o Brasil, que hoje entra a par de nós n'uma promettedora renovação quasi exclusivamente devida á propaganda vigorosa dos discipulos da Philosophia Positiva.

A causa do phenomeno que vimos examinando, determina-se facilmente.

A theologia succumbe, porque o seu fundamento é o dogma, o imperscrutavel, o que se não discute; a methaphysica dissolve-se, porque as doutrinas que defende não se provam, não têm o character de universalidade que resulta de uma demonstração; a especialidade exclusiva morre, porque não aperfeioa moralmente o homem, não lhe dá o conhecimento consciente do seu destino. A Philosophia Positiva, ao contrario, progride e ganha os espiritos,

porque falla em nome do vigor scientifico e, ao mesmo tempo, em nome dos interesses humanos. Não mata as intelligencias, como a theologia, porque não impõe mysterios, mas demonstra verdades; não produz os delirios phantasistas e individuaes da methaphysica, porque tem como elementos do seu methodo os processos das sciencias em que se funda, unicos capazes de produzir a unanimidade das crenças; não confina os espiritos, como a especialidade, no circulo estreito da cultura scientifica desligada e desconnexa, mas relaciona e combina todas as noções na direcção elevada e justa da felicidade social. Não procura discipulos, recebe-os. Não agita as consciencias pela lisonja ou pela exploração da ignorancia individual, nem agita os espiritos pela emoção de momento, pela utopia ou pela promessa; educa e disciplina. O seu fundamento é a sciencia e o seu fim a perfeição; ora «por mais que se faça, escreve Littré, é preciso sempre ensinar as sciencias, e directa ou indirectamente as sciencias ensinam a Philosophia Positiva»<sup>1</sup>. Estas palavras do grande mestre explicam a victoria constante do Positivismo sobre os seus inimigos.

Porto, 16 de setembro, 1880.

JULIO DE MATTOS.

---

<sup>1</sup> O Positivismo, vol. I, pag. 159.

# A HISTORIA DE PORTUGAL

## NA VOZ DO POVO

---

Assim como o povo sem ter communição com os homens de letras possui as bases fundamentaes de todas as litteraturas,— a tradição, que transmite com respeito, e de que se serve para exprimir as emoções do grande combate da vida; assim como, sem relação com os philosophos que formam os complicados systemas metaphysicos, o povo tambem alcança noções geraes, que constituem pelos anexins esse conjuncto a que se chamou com certa graça pittoresca a *philosophia de Sancho*; assim tambem o povo, apesar de separado do exercicio da soberania nacional pelo absolutismo monarchico, explorado pelo centralismo administrativo como materia collectavel, esmagado pelos exercitos permanentes para os quaes fornece a *chêr à canon*, estupidecido systematicamente pelo clericalismo que faz da pobreza de espirito uma virtude, ainda assim o povo tambem vae fazendo a Historia do seu tempo, que umas vezes perpetúa em grandes epopêas, em lendas locaes, e, não poucas vezes em protestos vigorosos, a canção politica, o pasquim revolucionario, a satyra mordaz que nunca mais esquece.

No povo portuguez faltam as epopêas nacionaes, esses productos organicos das grandes raças,— o que se explica pela exiguidade do nosso territorio e pelo facto tardio da nossa independencia politica; as lendas locaes não receberam forma escripta, e foram sendo substituidas pelas sanctificações com que a igreja se ligou á vida dos *pagi* ou das povoações ruraes; as garantias municipaes, a independencia dos concelhos, foram absorvidas pelo peder real, e sob a pressão de um despotismo secular, e sob o regimen da intolerancia catholica, o povo portuguez compoz a sua

historia com refrens sarcasticos, que como outros tantos protestos correspondem á evolução da nacionalidade portugueza. É por isso que os pasquins politicos abundam na tradição oral portugueza, e por elles se pode conhecer como este povo fez a sua historia.

O ingenuo, mas profundo chronista Fernão Lopes consultava as tradições, a que elle chamava *Estorias*; o trabalho erudito consistia em subordinar-as ao nexu material da successão do tempo, que elle definia *pôr as estorias em caronica*. O povo abstrae do tempo, e visa só á relação moral entre o homem e os factos. E assim como na expressão do sentimento humano o povo só conserva os grandes effeitos da realidade, os contornos geraes a que raramente se elevam os genios apesar do seu profundo subjectivismo, assim na historia só conserva as linhas com que destaca os caracteres das individualidades. Os grandes historiadores procuram retratar as epocas aproveitando-se d'estas syntheses espontaneas do povo; e n'este processo são confermes Fernão Lopes e Froissart por uma intuição admiravel, ou um Michelet e Agostinho Thierry pelo conhecimento do determinismo psychologico.

Em uma canção do Cancioneiro da Vaticana acha-se este verso que resume a lucta da independencia local contra a invasão da jurisdicção real: «*Tal Concelho tal campana.*» O Concelho tinha as suas leis consuetudinarias, a que dava a forma escripta nas Cartas de foral, da mesma forma que a plebe romana reduzira o *jus incertum* ás Doze Taboas segundo a tradição da democracia grega; aqui as Cartas de Foral, como se vê pelo seu vigoroso symbolismo juridico, davam a fixidez da escripta ás garantias primitivas dos homens-livres germanicos atacadas pelo desenvolvimento do Feudalismo, e mais tarde pela constituição das Monarchias independentes, que operaram o renascimento artificial do Direito romano. Entre estas duas formas de legislação existiu um antagonismo, que se reconhece nas duas designações de *Foros* e *Leis*, como se vê nas *Memorias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, a proposito de D. Affonso Henriques: «E pero tanto tempo senhozase e regese, tanto foy o seu cuidado de acrecentar em a onrra do reyno, que ante de sua morte emcomendou a seu filho que fizesse as *lex* e *foros*, que visse que compriam pera boo regimento do reyno, mostrando que em toda sua vida nunca tevera tempo ocioso em que as podesse fazer.»<sup>1</sup> O fazer *fóros* consistia em mandar redigir as garantias consuetudinarias dos Concelhos, com os quaes a realeza se fortalecia contra a prepotencia senhorial; de sorte que as Cartas de Foral não são uma generosidade regia, mas

<sup>1</sup> *Mon. hist. Scriptores*, fasc. 1, p. 25.

um reconhecimento da independencia dos Concelhos por necessidade das circumstancias. Assim a differença entre as *Leis* e os *Foros* corresponde a essa differença fundamental do direito na Edade media da Europa, o direito ou *estatuto pessoal* e o direito ou *estatuto territorial*. O direito romano, para as povoações que foram subjugadas pela invasão germanica, mas que ficaram com a sua legislação e costumes, tornou-se o *direito pessoal*; o direito germanico applicando-se áquelles que não escolhiam legislação alguma mudava de character tornando-se *territorial*.<sup>1</sup> Os Foraes encerram o estatuto territorial; fóra das fronteiras do Concelho acaba a garantia do individuo, bem como não existe a criminalidade dos actos aí praticados. O desenvolvimento da jurisdicção real, em que a Monarchia vae fazendo reviver o direito romano, ataca lentamente a autonomia local; assim as instituições populares, já perturbadas pelos barões, já pela realeza, são defendidas pela revolta, e é o sino o que toca a rebate para chamar o burguez ou o villão á defeza das suas franquias. Aqui a independencia popular mede-se pela resistencia, e é isto o que significa o verso: «*Tal Concelho tal campana.*»

As Cartas de Foral foram redigidas enquanto a realeza precisou defender-se contra os barões; desde que ella se tornou independente, atacou as garantias foraleiras, primeiramente pelo renascimento do Direito romano, applicado nos tribunaes e glossado nas Universidades, depois pela formação de um Codigo geral, em que sob a mesma auctoridade se unificaram todos os direitos. Até D. Affonso III é que se redigiram as Cartas de Foral; e a sua omissão completa no reinado de D. Diniz, coincidindo com a formação dos Nobiliarios, ou *da nobreza por fóro de el-rei*, com a applicação das leis romanas nos tribunaes, e com o ensino erudito do direito romano na Universidade de Coimbra, revela-nos que a Monarchia entrava no seu periodo de independencia absoluta. A constituição politica de Portugal entrou em bases novas, em que o direito se tornou um regalismo, isto é, as *garantias* foram substituidas pelas *regalias*; esta profunda alteração, implicita inconscientemente nos documentos, acha-se na voz do povo, nos versos conservados por Duarte Nunes de Leão:

El-rei Dom Diniz  
Fez tudo quanto quiz;  
Porque quem dinheiro tiver  
Fará tudo o que quizer.

Em D. Pedro I pôde vêr-se até onde foi levado o arbitrio da

---

<sup>1</sup> Giraud, *Hist. du Droit Romain*, p. 391. Paris, 1847.

auctoridade real, apesar dos mais sinceros intuitos de justiça; o facto d'essa auctoridade irresponsavel leva á hallucinação e á immoralidade, como se vê nos imperadores romanos e nos autocratas da Russia; em D. Fernando acham-se as consequencias d'essa irresponsabilidade, que produziram a revolução popular de Lisboa, e a entrada do terceiro estado na constituição politica sob D. João I. O povo que soffreu as invasões castelhanas provocadas pelos desvarios de D. Fernando, que chegou a estar cercado em Santarem, atacou-o nos seus amores dissolutos em um *rifam de escarnho* que Fernão Lopes traz na sua Chronica:

Exvollo vai, exvollo vem,  
De Lixboa para Santarem <sup>1</sup>

Este pasquim historico conservou-se tão profundamente na tradição oral, que o achamos em duas variantes:

Tolo vae,  
Tolo vem,  
De Lisboa  
A Santarem.

E esta outra, applicada ás luctas constitucionaes de 1832:

Dom Pedro vae,  
Dom Pedro vem,  
Mas não entra  
Em Santarem.

A vida popular, que se revela na revolução que deu o throno a D. João I, conhece-se tambem em um grande desenvolvimento de poesia. Esses cantos são uma participação directa da historia. Fernão Lopes, descrevendo a revolução de Lisboa, traz este canto do povo, em que celebra os actos da sua grande justiça:

Esta es Lixboa fidalga,  
Miralda y leixalda !

Si quisierdes carnero,  
Qual dieron al Andero ;  
Si quisierdes cabrito  
Qual dieron al Arçobispo.

Era este o grito da nossa *Jacquerie*; na Chronica anonyma do Condestavel, tambem se acha um canto popular de despeito com que Vasco Pires de Camões ataca os que se declararam a favor de

<sup>1</sup> Chron. de D. Fernando, cap. 36.

D. João I, e por não o subornarem como elle queria para entregar a Alcaidaria de Portel:

Poys Marina balhou,  
Tome o que ganhou.

Milhor era Portel,  
Villa-Ruiva, p... velha,  
Que non safra e segura,  
Tome o que ganhou <sup>1</sup>.

Mas assim como o povo tinha os gritos de imprecação contra os traidores, tambem tinha os descantes de glorificação, como vêmos nas varias seguidilhas colligidas dos manuscritos de Azurara, em que do Condestavel Nuno Alvares Pereira se ia formando de um modo espontaneo o typo heroico do Cid portuguez. O povo cantava á porta do Convento do Carmo, onde o Condestavel se refugiára como o bom cavalleiro da idade media, essa canção que começa:

O santo Condestabre  
Em o seu moesteiro,  
Da nos sua sôpa,  
Mail a sua roupa,  
Mail o seu dinheiro.

Tanto estes versos, como as outras seguidilhas que o povo dos arredores de Lisboa cantava dançando em volta da sepultura do Condestavel, acham-se colligidos na Chronica do Convento do Carmo, d'onde os extrahimos para o nosso *Cancioneiro popular*.

Com o governo de D. João I, o eleito do povo, rei pelo mandato da *soberania da nação* e não pela irrisoria investidura da *graça de Deus*, começam as expedições militares da Africa e depois o grande cyclo das descobertas maritimas. O povo portuguez perpetuou essa actividade fecunda; Azurara, na *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes*, traz este dito do cavalleiro Gomes Freire, proferido na Cabeça de Almenara:

—Oh noite má,  
Para quem te aparelhas?  
«Para os pobres soldados  
E pastores de ovelhas.  
—E os homens do mar  
Onde é que os deixas?  
«Esses ficam metidos  
Até ás orelhas.

<sup>1</sup> Chron. do Condestavel, cap. 37.



Azurara, Christovam Alão de Moraes na *Pedatura lusitana*, e o Dr. Alexandre Ferreira, nas *Memorias historicas das Ordens militares*, (p. 189, cap. 2, § iv) trazem apenas os dois primeiros versos; na tradição popular ainda persistente encontrámos o resto d'este canto em que o povo portuguez pintou a sua vida nacional nas expedições militares e descobertas maritimas, por que o cavalleiro Gomes Freire usou o como *proverbio*, e Azurara apenas o indicou como muito conhecido. Na tradição do povo circularam outros anexins ou proverbios tirados da sua nova situação historica, como este que demarca o começo da actividade scientifica do Infante D. Henrique:

Quem passa o Cabo de Nam  
Ou voltará ou não.

Quando no seculo xvi já faltava gente para equipar as armadas da carreira da India, tocava-se um tambor pelas ruas de Lisboa, para chamar os aventureiros ao alistamento na Casa da India; o povo acompanhava o rithmo d'esse rebate da não de viagem, com o anexim ainda corrente no seculo passado:

Quantos irão,  
Que não voltarão.

Sá de Miranda falla com a sua alta severidade moral d'este mercantilismo do seculo xvi, em que a provincia se despovoava convergindo para Lisboa, e em que a ambição das riquezas orientaes fazia desvairar todas as cabeças; mas a nossa decadencia não começou por aqui, veio-nos da invasão da auctoridade civil pelo clericalismo. O povo comprehendeu-o claramente; em uma quadra picante, ataca-se o Bispo da Sé da Guarda, D. José de Mello, por causa dos seus escandalos com uma dama chamada Mesquita:

O Bispo que deixa a Sé,  
Por se meter na Mesquita,  
Mouro foi e mouro é,  
Pois d'ella se não desquita.

Na *Vida do Infante D. Duarte* por André de Resende, acha-se tambem o começo de uma canção contra o Papa Clemente vii, que o principe mandou interromper, mas que nos revela que o povo sabia contra quem tinha de reagir:

Padre nuestro en quanto Papa,  
Sois clemente sin que os cuadre;  
Mas reniego yo del padre  
Que al hijo quita la capa.

E quando a intolerancia religiosa estava reduzida a systema de governo, e a Inquisição ultrajava a humanidade com o canibalismo em nome da unidade das crenças, o povo resumiu em um rifão sarcastico todas as iniquidades do processo secreto do Santo Officio:

Dámel-o Juden,  
Que eu t'o darei confesso;  
Deixa-me fazer o processo  
E julguel-o seu pae.

A atrophia da consciencia nacional fez-se sentir na impossibilidade de resistencia contra as absorpções do jugo castelhana; o Cardeal D. Henrique, o primeiro Inquisidor geral portuguez, foi o instrumento passivo com que os Jesuitas nos entregaram ao nosso inimigo natural. Quando em 1580 se achou de repente extincta a nacionalidade portugueza, o povo cantava pelas ruas de Lisboa e em Santarem essa cantiga, que ficou na historia como o unico grito da consciencia de uma nação que se escravisa:

Viva El-rei Dom Henrique  
No inferno muitos annos,  
Pois deixou em testamento  
Portugal aos Castelhanos.

Ficámos sob o jugo do terrivel Philippe II, que obteve pela espada o que o servilismo da nobresa vendida lhe não pôde entregar; o povo conheceu o homem que assassinára o seu proprio filho, e fez-lhe este epigramma, que encontrámos em um Cancioneiro manuscripto do fim do seculo XVI:

Lo del Principe fue certo;  
De la Reina está encubierto;  
Del Marquès no ay que dudar,  
Que El Rey le mandó matar.

A intolerancia religiosa, pela fogueira do Santo Officio, e o despotismo monarchico pelo garrote, pacificaram este povo; esses dois poderes abusivos entenderam-se como se entendem os grandes facinoras. O povo fez um anexim, que pinta esse accordo:

Com Rei e Inquisição,  
Chitão!

Chitão, quer dizer: Silencio; não julguemos os seus actos. Mais tarde quando o poder real se emancipou do clericalismo, o povo celebrou esse desaccordo, a que se deve a liberdade moderna, n'este outro anexim:

Da Inquisição para o Rei  
Não vae Lei.

Por fim fez-se a revolução de 1640, em que o povo portuguez sacudiu o jugo castelhano, dirigido pelo tino politico do grande cidadão João Pinto Ribeiro. O povo não conhece este heroe nacional, mas tambem não glorifica D. João iv, como o fazem estultamente as commissões patrioticas do 1.º de Dezembro. O povo fez o confronto do governo dos Philippes com o do começo do despotismo bragantino; em uma carta dos Jesuitas de 1641, que se conserva nos manuscriptos da Academia de Historia de Madrid, achase este pasquim popular contra D. João iv:

Bom Rey teemos,  
Boa Reyna e bons Infantes;  
Mas o governo  
Peor que d'antes <sup>1</sup>.

O povo referia-se ao abandono das colonias do Brazil aos Holandezes, e á entrega de Bombaim aos Inglezes; e sem formular o seu juizo sobre as devassidões de Affonso vi e do crime de D. Pedro ii, synthetisa a evolução historica de todo o reinado de D. João v, retratando-o n'esta quadra epigrammatica:

Nós tivemos cinco Reis,  
Todos chamados Joões;  
Os quatro valem milhões,  
O quinto nem cinco réis.

E os amores escandalosos do monarcha com uma mulher casada, D. Luiza Clara de Portugal, que os Nobiliarios dão como a celebre *Flor da Murta*, foram tambem satyrisados n'essa outra cantiga:

Oh Flor da murta,  
Raminho de freixo;  
Deixar de amar-te,  
É que eu te não deixo.

O reinado de D. José sob a acção exclusiva do Marquez de Pombal, esse que segundo a voz do povo *tinha cabellos no coração*, é apreciado por um meio indirecto, comparando-o com os abusos e insensatez do *intolerantismo* do reinado de D. Maria i; assim perpetuou-se o anexim:

Mal por mal,  
Antes o Marquez de Pombal.

E exprimindo o juizo sobre a reacção da cõrte de D. Maria i,

<sup>1</sup> Ms. legajo suelto, n.º 1, fl. 818, vuelto; ap. Fernandes de los Rios, *Mi Mission*, p. 90.

que destruía systematicamente as reformas do Marquez de Pombal, chegando até á estulticia de mandar tirar o medalhão do ministro do pedestal da Estatua equestre substituindo-o pelas armas de Lisboa, que são um navio, o povo fez esse outro refrem:

Adeus Portugal,  
Que te vás á vela.

O principe D. José, que seguia as ideias administrativas do Marquez de Pombal, morreu repentinamente; e o principe D. João, depois do Arcebispo Confessor ter governado este paiz á custa da desorganisação mental de D. Maria I, tomou conta das *rédeas do governo*, como então se dizia, porque o povo era considerado a besta de carga. O povo retratou o principe regente D. João VI, n'este pasquim:

Nós temos um Rei  
Chamado João,  
Faz o que lhe mandam,  
Come o que lhe dão;  
E vae para Mafra  
Resar canto-chão <sup>1</sup>.

Quando D. João VI se prestou a ser instrumento passivo da Inglaterra reagindo contra o blocus continental de Napoleão I, provocou a invasão dos exercitos francezes em Portugal sob o commando de Junot; a dynastia de Bragança fôra deposta em um artigo da gazeta official, já o general Junot estava em Abrantes aquartelado, e ainda D. João VI ignorava tudo o que se passara; o povo fez-lhe esse celebre epigramma, que hoje se repete como proverbio:

Quartel general em Abrantes,  
Fica tudo como de antes.

De facto ficou tudo como de antes, porque o Rei paternal abandonou o seu povo fugindo para o Brazil com as riquezas da corôa e com os dinheiros dos cofres da nação, indo viver vida de Sardapalo no palacio de S. Christovam, mandando ensinar musica aos pretos para abrilhantar a sua capella, e enviando Decretos para Portugal. Junot foi celebrado em muitas cantigas populares cheias de improperios. A nação tendo resistido aos exercitos francezes do Imperio, viu-se sob um jugo mais duro, esse protectorado inglez exercido por lord Beresford, contra o qual foi preciso uma revolução nacional, a celebre Revolução de 1820, em que Manuel Fernandes Thomaz egualou o vulto sublime de João Pinto Ribeiro.

<sup>1</sup> Ap. Joaquim de Vasconcellos, *Os Musicos Portuguezes*.

A deploravel situação em que Portugal se achava sob o dominio de Beresford, que collocára no exercito portuguez sómente a officialidade ingleza para operar um golpe de mão quando lhe fizesse conta, explica as tentativas de movimento nacional, como a de Gomes Freire. O terrivel marechal inglez abafava toda a vontade de independencia com sangue, como a execução de Gomes Freire, e as forcas do Campo de Sant'Anna. Quando todas as vozes estavam calladas, e o Marechal inglez recebia plenos poderes do Rio de Janeiro, foi a voz do povo que lançou para a historia o seu apello de Justiça. Em 1817 appareceu este curioso pasquim, que a Intendencia da Policia colheu immediatamente para não irritar os nossos *feis alliados*:

- Quem perde Portugal?  
«O Marechal.
- Quem saacciona a Lei?  
«O Rei.
- Quem são os Executores?  
«Os Governadores.

Para o Marechal—um punhal.

Para o Rei—a Lei.

Para os Governadores—os Executores <sup>1</sup>.

Beresford não contente dos poderes discricionarios que já empregava, foi ao Rio de Janeiro impetrar de D. João vi uma lei draconiana; quando regressou já lhe não foi possivel o desembarque. A Revolução de 1820 fortalecendo-se com o principio da *soberania nacional*, realisou o pensamento da voz do povo em 1817: *Para o Rei a Lei*, vindo D. João vi a jurar a Constituição de 1822.

Formaram-se as Côrtes constituintes de 1822, em que a *sobrerania da nação* foi outra vez proclamada; D. João vi depois de ter perdido a esperança de obter dos governos reaccionarios da Europa uma intervenção armada contra as Côrtes constituintes, regressa a Portugal, desembarca em desmaios, jura tremendo a Carta de 1822, e depois de achar-se de posse do poder executivo, rasga a Carta constitucional e restaura o absolutismo em 1823, fugindo para Villa Franca de Xira. O povo lançou na historia este traço profundo, esses dois versos eloquentes que se repetiram como pasquim:

Povo, áperta!  
Que o Rei deserta.

Já se conhecia o alcance da deserção para o Brazil; a deserção

<sup>1</sup> Archivo da Intendencia da Policia, Livro xvi, fl. 271 (15 de janeiro de 1817) citado tambem por Barros e Cunha, na *Historia da Liberdade em Portugal*, 1, p. 283.

para Villa Franca veiu tambem a produzir essa longa serie de desastres que vão de 1826 a 1833, em que o povo comprou á custa do seu sangue no cêrco do Porto a sua liberdade.

Depois de ter desmembrado o Brazil do dominio portuguez, e de ter perdido pela necessidade de uma abdicção o novo Imperio, D. Pedro *outorgou* a Carta constitucional de 1826, fonte dos grandes desastres porque tem passado esta nacionalidade. D. Pedro fez regressar seu irmão D. Miguel da côrte de Vienna de Austria, confiando-lhe a regencia do reino na menoridade de sua filha D. Maria da Gloria, em quem tinha abdicado a corôa portugueza. O povo cantou então esta cantiga:

Dom Miguel chegou á barra,  
Sua mãe lhe deu a mão:  
—Vem cá, filho da minha alma,  
Não queiras Constituição.

A terrivel Carlota Joaquina, representante do partido *apostolico* de Hespanha, tinha reagido sempre contra as garantias constitucionaes, e conspirava até contra a vida do marido para restaurar o absolutismo. D. Miguel era o instrumento passivo d'esta megéra de Queluz, e sob seu impulso é que operou a retirada de Villa Franca, e o attentado da Abrilada. Quando regressou a Portugal em 1828, apresentou se como pretendente do absolutismo, tomou conta do governo, dissolveu o parlamento, declarou se absoluto, e fez-se jurar rei pela convocação phantastica dos tres estados segundo o antigo regimen. Começaram as perseguições contra os liberaes, e ao som do hymno:

Rei chegou, Rei chegou,  
Em Belem desembarcou

rodopiavam os cacetes contra os queixosos do prejuirio miguelino, organisaram-se as alçadas e arvoraram-se as forcas. Foi a violencia das repressões, os sequestros, os assassinatos que provocaram a união do partido liberal sob os interesses dynasticos de D. Pedro. O povo viu mais claro do que os liberaes, como se deprehende d'esta cantiga:

Entre Pedro e Miguel  
Ninguem meta o seu nariz,  
Pois se Dom Miguel é rei  
Foi Dom Pedro que o quiz.

Depois dos longos trabalhos da emigração em Inglaterra e França, é que os liberaes se aproveitaram de um nucleo de resis-

tencia na Ilha Terceira, convergindo para ali. As noticias das primeiras victorias da liberdade consolavam os que estavam sob o regimen da forca; quando chegavam essas noticias favoraveis, os partidarios de D. Miguel corriam as ruas desancando com desespero os liberaes que encontravam. O povo consignou essa pagina negra da nossa vida politica no anexim «do tempo da rara felicidade»:

Chegou o paquete,  
Trabalha o cacete.

Os homens livres que tiveram a forca de supplantar o absolutismo no cêrco do Porto, que remiram com o seu sangue a liberdade de Portugal, tinham direito a formularem por uma Constituinte as bases politicas da nova vida nacional. D. Pedro não o quiz assim, e entendeu que todo esse heroismo fôra uma homenagem á sua pessoa, com o fim de *restaurar* essa deploravel Carta de 1826, em que o rei é que concedia á nação a liberdade que lhe convinha. D'aqui um germen permanente de revoluções contra os ministerios de resistencia, instrumentos cegos do paço que reagia contra a *soberania nacional*. A revolução de 1836 proveiu da necessidade de restabelecer os principios da revolução de 1820; Manuel da Silva Passos, o eloquente tribuno, revelou-se á altura de um Fernandes Thomaz. Mas a Carta de 1826 tornou-se então um fetiche para alguns homens de boa-fé que, como partido sob a denominação de *Cartistas*, apoiaram o paço contra a nação. Bem cedo os que eram homens de bem reconheceram o ludibrio em que haviam cahido, e não quizeram acompanhar as consequencias do movimento reaccionario; os que foram até ás rebelliões militares, e á chamada dos exercitos estrangeiros contra Portugal denominaram-se *Cabralistas*, do nome do ministro favorito. Em 1846 faz-se um movimento popular espontaneo contra o estado de violencia em que o governo pessoal collocára a nação; chamou-se a revolução da *Maria da Fonte*. N'esta agitação dos espiritos fez-se um hymno cuja musica é tanto senão mais bella do que a *Marselheza*. O hymno da Maria da Fonte é o grito revolucionario de Portugal, torna a insurreição contagiosa. O povo celebrou a sua resistencia n'estes versos:

A Maria da Fonte  
Tem uma faca na mão,  
Para matar os Cabraes  
Que são falsos á nação.

O estribilho ou côro é cheio de audacia:

Eia! ávante, Portuguezes,  
Eia! ávante sem temer;  
Pela santa liberdade  
Triumphar até morrer.

Foi este hymno que acordou segunda vez a nação, quando a rainha deu o golpe de estado de 6 de outubro de 1846, faltando a todos os seus compromissos; assim formou-se de repente no Porto a Junta da *Patulêa*, e essas outras Juntas revolucionarias que venceram as tropas da rainha e chegaram a proclamar a sua destituição. A Junta de Santarem era uma das mais fortes, e contra ella partira o Marechal Saldanha, que fôra um dos que preparou a restauração do absolutismo em 1823; Saldanha nada pôde fazer, e o povo perpetuou-lhe a fraqueza n'essa cantiga ironica:

Saldanha para cima,  
Saldanha para baixo,  
Mas elle não passa  
Do Cartaxo.

Mas a fraqueza só se torna forte pela traição; assim aconteceu com o pedido de intervenção armada, reclamada pela rainha D. Maria II contra Portugal em 1847. O general hespanhol Mendes Vigo em uma proclamação mandava-nos entrar na ordem, sob pena de nos castigar. A nação entregou-se ao arbitrio da realeza, e os politicos reconciliados com o paço levaram-na até ao ultimo gráo da inconsciencia, e depois fizeram o que bem quizeram. Eis aqui a causa da actual decadencia, de que a nação só pôde sair quando acordar do marasmo em que a conservam. O povo está mudo, e por isso nada lêmos no futuro.

THEOPHILO BRAGA.



## OBSERVAÇÕES Á CERCA DA CLASSIFICAÇÃO EM BIOLOGIA

---

A materia, a fôrma e a força são indissoluvelmente unidas.

HÆCKEL.

A palavra *biologia* creada no principio do seculo por Lamark e Treviranus, definida com rigor e vulgarizada pelos trabalhos de Comte e sua escola, abrange na vasta comprehensão o estudo dos organismos vivos sob o duplo ponto de vista da sua constituição organica e manifestações dynamicas correlativas.

Este dualismo da comprehensão *statica* e *dynamica* dos seres vivos, tambem definido por Comte, recebido e consagrado pelos seus continuadores, parece corresponder ás necessidades da constituição scientifica actual. É com effeito essa a fôrma de analyse primeira, que o espirito exerce sobre cada organismo n'um qualquer momento em que o considere; e é tal o poder d'esse habito intellectual que já se acha convertido em processo intimo e, para assim dizer, essencial do estudo biologico, e é por estes motivos applicavel quando se examina um ser isoladamente, um ou mais grupos de seres, ou ainda a serie inteira desde os proto-organismos cellulares até ao homem.

É muito nitida a maneira por que Robin define essas duas divisões fundamentaes da biologia. «A *statica*, diz, conduz ao conhecimento das leis da organisação, quer pelo exame analytico dos corpos que compõe a materia no estado chamado de organisação, feito por fôrma a patentear-nos a constituição d'esses corpos, quer pelo seu exame synthetico que nos dá a noção da coordenação hierarchica de todos esses seres. Por uma parte ella dá-nos a conhecer a ordem interior que reina entre as partes naturalmente solidarias de cada organismo, e por outra a ordem exterior que, no

tempo e no espaço, reina entre todos esses seres que coexistem e se succedem individualmente.» «A dynamica, diz, dá-nos a conhecer as leis da actividade dos seres organizados pelo exame analytico e comparação dos actos que cada uma das suas partes executa, e pelo exame synthetico da acção simultanea de todas essas partes, que nos dá a noção das relações reciprocas d'esses seres com os meios ambientes cosmologicos e organicos. Por uma parte ella nos dá assim a noção da ordem interior e solidariedade que reinam na actividade das diversas porções de cada organismo; por outra parte denuncia-nos a ordem exterior que, no tempo e no espaço, liga as relações que esses seres têm quer com os meios cosmologicos e organicos que os cercam, quer entre si.»

A facil e quasi espontanea abstracção que nos leva a constituir as duas grandes divisões da biologia, leva egualmente a defini-las pela fôrma que acima produzimos; mas, meditando um pouco, offerece-se-nos para logo inquirir se effectivamente será aquella a maneira mais conforme com a realidade dos phenomenos observados nos organismos, de dividir abstractamente essa sciencia.

É evidente que, se a esta divisão da biologia podemos substituir concepções abstractas mais logicas e naturaes, por derivarem directamente da phenomenalidade no que esta tem de mais generico, essencial e fundamental, teremos introduzido na classificação um elemento mais perfeito e até mais proprio do espirito da philosophia positiva, que não é, como alguns pensam e advogam, uma codificação dogmatica e immovel, mas encerra em si mesma o principio do seu aperfeiçoamento e desenvolvimento, consentaneo com os progressos das sciencias concretas a que ella deve servir de remate e superior disciplina.

Em auxilio da nossa ideia uma primeira observação palpavel apparece immediatamente, e é que a fôrma dos seres vivos varia continuamente e só podemos imaginal-a por eschemas mais ou menos proximos da realidade, mediante as contribuições fornecidas sobretudo pelas medias tiradas da multiplicidade das analyses e descripções feitas sobre os exemplares. Nunca, porém, se pôde surprehender a fôrma exacta de um organismo, porque seria para isso mister suspender a vida, separar as partes componentes uma a uma até aos elementos organicos, dissipar estes mesmos elementos, correlacionar todos estes dados e reintegrar o organismo na posse da sua actividade um momento parada, mas não prevertida, pelo interesse da sciencia. Ora, se esta pôde, em certos casos e por certos processos praticos, aproximar-se d'esse desideratum, é certo que não tem o poder, nem jámais o terá, de realisar aquella analyse rigorosamente. Se, pois, a fôrma dos seres vivos é uma funcção muito particular, continuamente variavel, do dyna-

mismo<sup>1</sup> vital, não ha motivo para constituir só com ella um grande ramo fundamental da sciencia mãe, como o não ha para constituir outros ramos fundamentaes com a hydrologia, a hematologia, a chimica, e tantas outras maneiras de encarar sob aspectos exclusivos<sup>2</sup> os phenomenes da vitalidade.

Por outra parte corroboram e ampliam as considerações precedentes o estado actual e os progressos rapidos e successivos da *morphologia*. O puro estudo da fôrma, como o têm emprehendido os anatomicos philosophos, como Gegenbaur, não só tem preparado e aperfeiçoado extraordinariamente a serie biotaxica, paleontologica e historica, mas tem fornecido ás doutrinas da evolução organica os mais preciosos documentos. Se por um lado das leis correspondentes se têm deduzido muitas vezes systemas morphologicos individuaes ou seriaes, por outra parte descobertas de órgãos, individuos ou series inteiras, têm explanado e confirmado essas mesmas leis.

Concorrem para o mesmo effeito da demonstração que seguimos os conhecimentos recolhidos pela *embryologia*. Nos primeiros tempos do desenvolvimento embryonario, desde a primeira segmentação do vitello até á formação da area germinativa, as mutações de fôrma, occorridas na cellula-ovo, confundem-se perfeitamente com os actos dynamicos d'este organismo elementar a ponto de que ninguem ainda pensou, entre os embryologistas, em separar-lhes o estudo. Depois da formação da area germinativa, ainda por muito tempo não é possivel imaginar um acto qualquer embryonario independentemente das mudanças de fôrma que se vão operando. É esta uma objecção capital á ideia comteana que examinamos, tanto mais para maravilhar, que já no tempo de Comte eram conhecidos os factos principaes sobre que nos apoiamos.

Analogas considerações advêm quando se contemplam os factos

---

<sup>1</sup> A palavra *dynamismo* não é aqui empregada para designar o conjuncto de forças ou a força que determina os movimentos da materia organica; mas serve para designar o conjuncto de *propriedades* que lhe são inherentes, cujo conflicto dá em resultado os actos e manifestações vitaes. É a unica concepção que nos parece satisfazer ao estado dos conhecimentos sobre a vida. A primeira concepção é perfeitamente subjectiva e abstracta, e erroneamente transportada para a apreciação da phenomenalidade, onde originou, em todas as suas variantes historicas, um dualismo perturbador de que o nosso tempo procura libertar-se.

<sup>2</sup> Quando se estuda um aspecto exclusivo de uma serie de phenomenes faz-se um trabalho analytico em que se abstraem as outras particularidades phenomenaes. Na reconstrução synthetica e philosophica, a abstracção de qualquer particularidade vicia e prejudica a concepção total que se pretende construir. É por estes motivos que a fôrma póde ser objecto de um departamento scientifico, por exemplo em — *anatomia descriptiva*, e não póde ser objecto de um grande grupo synthetico, como pretendia Comte, em *biologia statica*.

da vida dos proto-organismos. N'estes animaes, desde os mais rudimentares, cuja vida se manifesta apenas por successivas expansões e contracções e actos physicos de endosmose, imbibição e exosmose, até aos mais perfectos, que se congregam em agremiações ou se organisam enfiadas de cellulas, rosarios, circulos, irradiações estrellares, cylindros, etc., a fôrma é sempre a manifestação dinamica mais apreciavel e manifesta zoologicamente, e se em alguns, como nos microbios pathologicos a vida pôde manifestar-se por effeitos crueis, destruidores, indicando propriedades essenciaes, intimas, vulnerantes, de uma potencia enorme, incalculavel, é certo que os trabalhos e investigações mais acreditadas, conduzem á verosimilhança de que aquelles resultados e propriedades são apenas o producto da repullulação dos microbios em meios de cultura naturaes ou artificiaes apropriados, e portanto ainda phenomenos em que as mutações da fôrma são preponderantes e ás vezes exclusivas.

Pôde dizer-se afootamente que a separação abstracta da biologia em *statica* e  *dinamica*  foi condemnada com o apparecimento da theoria cellular. Desde que Schleiden demonstrou que todo o organismo vegetal se resolvia em cellulas que se agrupavam, se dispunham segundo leis definidas, o problema morphologico do botanico philosopho, trabalhoso para os velhos botanicos exclusivamente classificadores, recuára para o estudo da cellula e circum-screvêra-se ahi. A fôrma do vegetal e dos seus orgãos apparecia como um todo que theorica e abstractamente se podia deduzir e prever com o conhecimento exacto de uma cellula, onde se passavam apenas actos physicos elementares que exprimiam as relações nutritivas inevitaveis da cellula com os meios em que se achava, e onde egualmente os actos dynamicos se reduzem a mutações da fôrma cellular.

O mesmo que Schleiden fez para os vegetaes conseguiu-o para os animaes Theodoro Schwan. N'este corpo do animal, n'este corpo do homem, de estructura tão maravilhosa, que causára o pasmo dos antepassados, por toda a parte nos seus orgãos e tecidos mais intrincados a analyse encontrava implacavelmente uma cellula. Esta analyse que recúa, como nos vegetaes, a morphologia abstracta e philosophica para dentro de muito estreitos limites, é de tal natureza e tem sido propellida com tal perseverança pelos hystologistas que, logo que Remak descobriu as inevitaveis correlações do ovo com a cellula, dado o ovo o animal pôde ser reconstruido linha a linha, e esta reconstrucção que se nos apresenta com o facto do crescimento é uma consequencia dos movimentos cellulares intimos e reacções correspondentes e reciprocas, e por isso constantemente uma mutação de fôrma.

Por consequencia infere-se que, se ao ramo comteano da biolo-

gia statica corresponde uma vasta collecção de factos, que são fundamentalmente os factos capitaes do estudo dos organismos e não podem separar-se ou resolver-se em staticos e dynamicos como seria necessario, é claro que a classificação que examinamos se acha prejudicada pela base.

Com ella Comte obedeceu involuntariamente a uma necessidade da constituição historica das sciencias no seu tempo. Não só o estudo dos proto-organismos, estava muito á quem do grão de adiantamento e vulgarisação actuaes, mas accrescia que os estudos anatomicos se achavam constituídos em grupo á parte desde as mais remotas edades da medicina, e no tempo de Comte a anatomia descriptiva elevava-se já a um estado de aperfeiçoamento muito preponderante, comparado com as indecisões, os tentamens da physiologia que os trabalhos experimentaes de Magendie apenas começavam a tornar mais precisa e scientifica. Ajunte-se que a época fôra principalmente proveitosa para os estudos anatomicos, cujo terreno era o campo de batalha de luctas fecundissimas, em que se avantajaram homens da plana de Cuvier, Bichat, Saint-Hilaire, Oken, Meckel e Goethe, o precursor do darwinismo. Forçoso era obedecer a uma tal imposição historica, e nada mais facil do que consideral-a como necessidade philosophica intima, assentando sobre a propria natureza das cousas.

Perderam actualmente a sua rasão de ser estas concepções determinadas pelas exigencias de um momento historico. Todos os trabalhos se encaminham a demonstrar que a fôrma dos elementos, orgãos, tecidos e systemas organicos, bem como a final structura do individuo vivo, são o resultado evidente, consequente, necessario das propriedades elaborantes da propria materia organizada; e que a fôrma é a propriedade intrinseca d'este estado da materia, e que, por consequencia, a abstracção da fôrma, torna impossivel comprehender a existencia de um organismo vivo.

Muitos naturalistas modernos sentem e exprimem mais ou menos exactamente o nosso modo de vêr. Michael Forster escreveu: «A sciencia da morphologia receberá a cimalha do seu edificio quando as fôrmas dos seres vivos poderem ser inteiramente explicadas pela acção dos meios sobre a substancia viva; e a sciencia da physiologia será similarmemente aperfeiçoada quando as acções e reacções do organismo vivo poderem ser predictas pela structura molecular dos seus tecidos constituintes, exactamente como o superficial character de alguns dos seus movimentos podem ser explicados por meras relações mechanicas das suas partes componentes.» Outras citações frisantes se poderiam adduzir. Se, pois, a fôrma dos seres vivos não pôde constituir uma das partes do dualismo philosophico estabelecido por Comte, qual será a classifica-

ção que mais corresponda ao estado actual da sciencia e mais propria a substituil-o?

Sem mais desenvolvimentos, cremos que seria a melhor aquella que se baseasse sobre grupos de factos mais geraes e successivamente mais complexos. Além das vantagens que sobresaem dos argumentos e intuitos d'este artigo, tal classificação realisaria particularmente, em uma das sciencias abstractas fundamentaes, o mesmo methodo adoptado em philosophia positiva para a generalidade dos conhecimentos humanos, classificando os conhecimentos biologicos por ordem de subordinação hierarchica e complicação ascendente e progressiva. Poderiamos condensal-os assim:

*Grupo* dos elementos organicos e proto-organismos independentes;

Disposição systematica dos elementos ou *grupo* dos tecidos;

Disposição systematica dos tecidos ou *grupo* dos systemas<sup>1</sup>;

Disposição systematica dos systemas ou *grupo* de órgãos e aparelhos;

Disposição systematica de órgãos e aparelhos ou *grupo* de individuos;

Disposição systematica de individuos ou *grupo* de especies;

E assim por diante... e teriamos a biologia classificada em:

Biologia dos elementos;

Biologia dos tecidos;

Biologia dos systemas;

Biologia dos órgãos e aparelhos;

Biologia dos individuos;

Biologia das especies;

Todas estas possuem hoje as suas correspondencias em varios departamentos scientificos, mais ou menos artificialmente dispostos.

AUGUSTO ROCHA.

---

<sup>1</sup> Não substituímos esta palavra por estar consagrada em nomenclatura anatomica e ser portanto conveniente conserval-a.

# ANTHROPOLOGIA

---

## CARACTERES DESCRIPTIVOS DOS CRANEOS PREHISTORICOS EXISTENTES NO MUSEU DA SECÇÃO GEOLOGICA <sup>1</sup>

---

Aproveitando me da permissão do digno director da Secção Geologica, o sr. Carlos Ribeiro, que obsequiosamente annuiu ao pedido que haverá dois mezes lhe fiz, de estudar os craneos prehistoricos do Museu Geologico, appliquei-me á tarefa de examinar, medir e comparar esses restos humanos, guiando-me — tanto quanto m'ò permittiu a brevidade do tempo e a pouca pratica que tinha de uma ordem de trabalhos completamente extranhos á minha profissão — pelo methodo e pelos preceitos que tenho visto seguidos em alguns livros modernos de anthropologia, e nomeadamente na excellente obra dos srs. Quatrefages e Hamy — os *Crania Ethnica*.

Ao apresentar esta breve memoria, cumpre-me declarar que, apesar da minha boa vontade, não presumo haver tratado a materia com a competencia que a sua importancia demanda; mas patenteando o resultado das minhas observações, ocorre-me que talvez o meu trabalho possa servir — como suggestão ao menos — para encaminhar a melhores resultados quem com mais habilitações do que eu empreehender o mesmo estudo.

Entre os craneos existentes no Museu da Secção Geologica ha um que foi encontrado no Valle do Arieiro, em um jazigo de areias que o sr. Carlos Ribeiro suppõe serem quaternarias. O mesmo craneo estava acondicionado por fórma tal que mostrava

---

<sup>1</sup> Esta memoria foi lida pelo sr. Paula e Oliveira, em 23 de setembro ultimo, na sessão do Congresso Internacional d'Anthropologia e d'Archeologia prehistoricas.

não ter sido introduzido n'essas areias posteriormente á formação do deposito. Esta circumstancia — que aliás nada tem de improvavel, visto terem sido encontrados em Portugal numerosos instrumentos de pedra lascada juntamente com ossos de alguns dos grandes mammiferos da época geologica finda — redobra o interesse do estudo d'este curioso fragmento, e conquista-lhe de direito o primeiro logar na descripção dos exemplares da collecção.

D'este craneo restam apenas o osso frontal, os parietaes e o occipital, achando-se estes ultimos ossos bastante fracturados e incompletos. Apresenta os seios frontaes medianamente desenvolvidos, as bossas supraciliares proeminentes, mas sem exageração, e a testa bastante saliente. A abobada craneana tem uma conformação arredondada, notando-se porém um certo achatamento nos parietaes e no occipital em volta do lambda. Acima do angulo externo do occipital observa-se uma ligeira depressão.

Podem ainda mencionar-se, como caracteres um tanto notaveis, o desvio para traz das bossas parietaes, a simplicidade das suturas e a saliencia do inion.

O indice cephalico é 80,44, sendo portanto o craneo sub-brachycephalo, segundo a nomenclatura do sr. Paulo Broca. Pela sua pouca espessura, pela saliencia da sua região frontal, e pela suavidade geral do seu contorno, reconhece-se que pertenceu a um individuo do sexo feminino.

Ao mesmo individuo pertenceu tambem, segundo todas as probabilidades, uma maxilla que foi encontrada no mesmo jazigo juntamente com o fragmento que acabo de descrever.

A esta maxilla falta totalmente o ramo ascendente esquerdo e parte do direito. Pela obliteração de alguns dos seus alveolos e pelo consideravel angulo mandibular apresenta indicios de senilidade. Tem o mento saliente, as apophyses geni bem visiveis e a linha myloidea nitidamente desenhada.

Do lado esquerdo vê-se o alveolo do segundo pequeno molar bem escavado e inclinado de diante para traz. É tambem digna de notar-se uma ligeira introversão do angulo mandibular.

O craneo de que acabo de tratar assemelha-se, segundo me parece, de um modo mui notavel ao craneo sub-brachycepho de Furfooz na Belgica, que na opinião dos srs. Quatrefages e Hamy caracteriza uma raça quaternaria. Esse craneo, feminino como o do Valle do Arieiro, é como este sub-brachycephalo, e apresenta, entre outras feições communs, uma depressão caracteristica acima do angulo externo do occipital.

Comparando as medidas do craneo belga com as que poude tomar no craneo portuguez, encontrei uma semelhança admiravel, e em vista de tão notavel concurso de analogias, pareceu-me que



não seria arrojo da minha parte qualificar este ultimo como pertencente ao typo sub-brachycephalo da Belgica.<sup>1</sup>

	Valle do Arieiro	Furfooz	
Distancias	Diametro ant. <sup>o</sup> post. <sup>or</sup> max.....	171	172
	» transv. » .....	137	140
	Frontal max.....	113	112
	» min.....	91	92
	Biorbitaria interna .....	94	97
Curvas	Horisontal total.....	492	504
	Sub-cerebral .....	22	22
	Frontal max .....	120	123
	Parietal .....	121	120
	Indice cephalico.....	80,11	81,39
	» vertical.....	66,42	65,71

A ser rasoavel esta approximação, como supponho que é, o solo que agora é portuguez foi habitado na época quaternaria por homens da raça de Furfooz. N'esta circumstancia encontro uma confirmação para o parecer dos auctores dos *Crania Ethnica*, que nas particularidades morphologicas de um craneo brachycephalo da estação prehistorica do Cabeço da Arruda, veem o indicio da fusão de dois typos, sendo um d'esses typos o sub-brachycephalo a que me reporto. O *kjokenmoding* do Cabeço da Arruda, situado perto da villa de Mugem, pertence ao principio da edade neolitica, ou talvez—é esta a opinião do sr. Carlos Ribeiro—a um periodo intermedio a essa edade e á paleolithica; não é pois para admirar que se descubram n'essa estação vestigios de uma raça que na época quaternaria viveu, como mais tarde os homens do Cabeço da Arruda, nas proximidades do Tejo.

Passando agora a occupar-me dos *kjokenmodings* de Mugem, devo dizer que merecem muito interesse estes curiosos depositos não só por causa da sua grande antiguidade, como pela circumstancia de apresentarem os restos humanos d'elles extrahidos uma notavel variedade de formas.

Disse que os auctores dos *Crania Ethnica* reconheceram nas feições mixtas de um craneo do Cabeço da Arruda o vestigio de dois typos, sendo um o sub-brachycephalo de Furfooz. O outro é o de Canstadt que se revela principalmente pela enorme protuberancia das bossas supraciliares.

Todavia este character, e bem assim o da brachycephalia, não

<sup>1</sup> O sr. Cartailbac confirmou esta supposição.

são geraes nos craneos d'aquella estação prehistorica, inclino-me mesmo a suppor que são pelo contrario muito excepçoes. Entre os craneos dos *kjokenmodings* de Muges que se conservam no Museu Geologico ha só um que apresenta as feições — e estas bastante attenuadas do exemplar a que acabo de referir-me. É o que tem o n.º 1 na collecção dos craneos de Muges.

Este craneo tem as bossas supraciliares salientes, apresenta uma certa depressão no lugar da glabella, mas a porção anterior do seu osso frontal em vez de ser proeminente e arredondada como no craneo brachycephalo da mesma procedencia, é pelo contrario achatada e muito deprimida, começando a inclinar-se para traz logo acima da região supraciliar. Os parietaes dilatam-se bastante para os lados com uma convexidade muito regular; a curvatura antero-posterior é tambem muito suave ao longo da sutura sagital e continua do mesmo modo na parte superior do occipital. A porção cerebellosa d'este ultimo osso é chata, e a sua superficie forma um angulo muito pequeno com o plano alveolo-condylo.

Junto dos angulos externos do occipital reconhecem-se as depressões caracteristicas de raça de Furfooz, mas pouco accentuadas.

As apophyses mastoideas são mui pouco volumosas.

Apesar d'este craneo se conservar em muito máo estado reconhece-se comtudo que é sub brachycephalo.

A face é solida e espessa, muito prognatha e tem uma largura consideravel. O indice facial é 65,18. As orbitas apresentam um contorno arredondado, e quasi não ha vestigio das fossas caninas.

A abobada palatina é larga em relação ao comprimento.

Na maxilla inferior espessa e robusta, notam-se os seguintes caracteres: saliencia do mento, convexidade do bordo inferior dos ramos horisontaes, inclinação consideravel dos ramos ascendentes, pouca excavação da curva sygmoidea e grande volume e robustez dos condylos.

Devo ainda mencionar como caracter importante n'esta maxilla a introversão do angulo mandibular.

Ao contrario dos craneos de que acabo de tratar, todos os outros craneos de Muges existentes no Museu e em estado de se medirem, são francamente dolicocephalos, e as suas saliencias supraciliares apresentam-se pouco desenvolvidas. Distinguem-se tambem pela sua pequenez dos dois craneos de que acabo de me occupar, que são bastante volumosos.

Encontram-se pois nas estações prehistoricas de Muges duas órmas craneanas distinctas, que caracterisam individuos de raças mui diversas. Pela posição das respectivas ossadas talvez tivesse sido possivel, no acto da extracção, reconhecer se essas duas fór-

mas tinham coexistido, ou se tinham apparecido em epochas diversas n'aquella parte do valle do Tejo.

Os craneos n.ºs 2, 3, 4 e 5 de Muges apresentam os seguintes caracteres geraes: dolicocephalia, pequeno volume (capacidade craneana entre 1.200 e 1.250<sup>cc</sup>), pequenas saliencias supraciliaes, pouca inclinação do frontal na sua parte anterior, curvatura regular do mesmo osso acima das bossas frontaes e na direcção da sutura coronal, curvatura antero-posterior dos parietaes mui pouco accentuada durante os dois terços anteriores da sutura sagittal, no começo do terço posterior da mesma sutura incurvação rapida d'esses ossos para baixo, achatamento na parte posterior dos parietaes e na parte superior do occipital, saliencia da concha d'este osso. bossas parietaes elevadas mas não desviadas para traz, concha do temporal semi-circular, apophyses mastoideas pouco desenvolvidas, e simplicidade de suturas.

Nas faces ha a notar o prognathismo, a fórma rectangular das orbitas e a pouca excavação das fossas caninas. Na maxilla, a saliencia do mento que é triangular, e a ligeira introversão do gonion <sup>1</sup>.

As differenças que se observam entre estes craneos são tão pequenas que podem attribuir-se a simples variações individuaes.

Os outros craneos que se guardam no Museu pertencem á idade neolithica, e provavelmente ao fim d'essa idade. Nos craneos das cavernas da Cesareda e do Monte Junto reconhecem-se duas fórmas bem distinctas: uma dolicocephala, semelhante por varios caracteres á de Muges que acabo de descrever, mas apresentando um volume muito mais consideravel; outra brachycephala, notavel pela saliencia da sua região frontal, e sobretudo pela proeminencia, elevação e desvio para traz das bossas parietaes que dão ao craneo visto superiormente um contorno trapesoidal <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> O sr. Quatrefages limitou-se como o auctor a constatar a existencia d'estes caracteres.

<sup>2</sup> Na França existiu tambem durante a idade neolithica uma população dolicocephala, mas em um momento que não se póde precisar achou-se essa população em presença de outra brachycephala de um typo absolutamente diverso. Havia portanto n'esse tempo duas raças que viviam a par e que o Lozere nos mostra lutando com um furor indisciplinavel: a antiga nas grutas, e a nova, formada em parte pelos brachycephalos cruzados já com os dolicocephalos, nos dolmens. (*Topinard, Congresso anthropologico reunido em Paris em 1878—Comptes rendus*, pg. 135.)

A invasão dos brachycephalos vindos do Oriente tomou maiores proporções no fim da pedra polida, atravessou o centro da França de lado a lado, e abi cruzou-se com a antiga raça autochtone para dar nascimento á nova raça historica dos Celtas. (*Id. L'Anthropologie*, pg. 466).

Na maior parte dos craneos das cavernas da Cesareda e do Monte Junto reconhecem-se os caracteres mixtos das duas raças, o que denuncia o seu cruzamento. Mas no-

Onde os caracteres d'esta fôrma brachycephala se encontram mais accentuados é em um craneo da estação neolithica de Liceia, que fica alguns kilometros ao oeste de Lisboa. Este craneo pertenceu a um individuo do sexo feminino.

O typo masculino pôde observar-se n'outro craneo que foi extrahido de uma gruta do Carvalhal, proximo da serra do Turquel.

Reconhece-se a mesma fôrma craneana bastante pura ainda no fragmento n.º 21 da Cesareda, e no craneo n.º 4 do Monte Junto, que pertenceram a individuos do sexo feminino, e os caracteres mais attenuados no craneo n.º 1 do Monte Junto e n.º 7 da Cesareda, ambos masculinos.

A fôrma dolicocephala pôde observar-se bem caracterizada em outros craneos, como por exemplo no que tem o n.º 2 na collecção da Cesareda. Para não gastar tempo com a descripção detalhada d'estes craneos, direi que apresentam uma morphologia muito semelhante á dos dolicocephalos do Cabeço da Arruda, sendo porém muito mais volumosos. Este caracter basta para bem os estremar.

Vem a proposito dizer que as particularidades anatomicas observadas pelos srs. Quatrefages e Hamy em diversas maxillas e em um craneo da Cesareda—que foi enviado a Paris pelo sr. Pereira da Costa e se acha descripto pelo sr. Delgado na sua «Memoria ácerca das grutas da Cesareda»—são menos pronunciadas ou deixam mesmo de vêr-se nos craneos da mesma localidade que foram extrahidos em uma exploração mais recente. Um dos caracteres anatomicos a que me refiro é o que se nota em duas ou tres maxillas da Cesareda, actualmente existentes no Museu da Escola Polytechnica—grande proclividade symphisar e ausencia de mento—d'onde resulta cahir adiante do corpo da maxilla a perpendicular baixada do bordo alveolar. Pôe de entre as numerosas maxil-

---

ta-se uma circumstancia singular: entre os craneos masculinos predominam os dolicocephalos, e são os femininos que mais se appoiximam da brachycephalia. Não será isto uma prova de ter sido praticada a exogamia pelos nossos troglodytas? Corrobora de certo modo esta ideia o facto de apresentarem indicios de acção violenta dois craneos masculinos das mesmas cavernas, nos quaes os caracteres do typo brachycephalo mais pronunciadamente concorrem. São estes o n.º 1 do Monte Junto, que tem na parte anterior do seu frontal uma profunda erosão, vesigio provavelmente de algum golpe dado com objecto duro, e o n.º 7 da Cesareda, no qual se observa um sulco elliptico, indicio de uma tentativa de perfuração que não foi consummada e depois da qual o individuo poude ainda viver algum tempo.

São muito numerosos os dolmens em Portugal, mas os restos humanos d'elles extrahidos não são por emquanto bastantes para reconhecer se predomina n'elles a fôrma brachycephala, como succede nos dolmens de França. É preciso esperar que se façam novas explorações.

las da Cesareda, que se conservam no Museu Geologico, não ha uma só que apresente essa particularidade.

Outros caracteres tambem dignos de menção são os que se observam nos ossos longos humanos d'essas mesmas cavernas. As tibias tem a fôrma platycnemica, e esta circumstancia coincide com o estuamento longitudinal dos peroneus, com a saliencia da linha aspera do femur e com a incurvação do cubito.

Não devo omittir uma circumstancia que me parece muito importante, depois do que ouvi na sessão de 23 a alguns illustres membros do congresso, que declararam haver notado uma extrema semelhança entre os instrumentos da idade neolithica encontrados em Portugal e os que tem sido achados na Escossia e na Irlanda. Segundo a descripção que faz o professor Huxley, no livro *Prehistoric remains of Caithness* de alguns craneos prehistoricos escossezes e irlandezes, parece-me que esses craneos, pela sua fôrma e pelas suas dimensões, têm uma semelhança muito notavel com alguns dos das nossas cavernas, sobretudo com os que formam a collecção do Monte Junto<sup>1</sup>.

Uma conformação muito analoga á dos craneos da Cesareda e do Monte Junto observa-se ainda nos de Palmella. Parece-me haver tambem n'elles indicios claros da mistura das duas fôrmas dolicocephala e brachycephala, de modo que emquanto uns são dolicocephalos puros, em outros o indice cephalico sóbe até á sub-brachycephalia.

Para terminar esta rapida descripção dos craneos do Museu Geologico falta me tratar dos craneos das cavernas de Cascaes.

O typo brachycephalo que imprimiu os seus caracteres a algumas das estações neolithicas de Portugal não se reconhece nos craneos de Cascaes. Estes craneos são dolicocephalos, e ha em geral tanta uniformidade na sua morphologia, que as pequenas differen-

---

<sup>1</sup> Esta semelhança não teria importancia se fosse observada em restos humanos de uma época mais recente, quando o homem já tem adquirido caracteres cosmopolitas, mas na idade neolithica e dando-se ainda outras coincidencias, é muito significativa. O eminente naturalista inglez declara inclinar-se á supposição de serem de origem iberica alguns dos craneos escossezes e irlandezes que descreve. (*Prehistoric remains of Caithness*, pg. 136).

São precisamente esses que pelas suas fôrmas e pelas suas dimensões mais se assemelham aos craneos portuguezes em que se observam os caracteres mixtos das duas raças dolicocephala e brachycephala.

É provavel que em tempos prehistoricos houvesse já navegação no Atlantico. Em um paúl da Irlanda foi encontrada uma canoa ou piroga feita de um tronco excavado a fogo e tendo no fundo uma lamina de coriça, que devia ter ido da Iberia ou talvez ainda de mais longe. (*Lyell, Ancienneté de l'homme*). Em Portugal fez-se tambem um achado semelhante; infelizmente por uma incuria imperdoavel perdeu-se essa preciosidade archeologica.

ças que apresentam podem considerar-se meras variações individuais.

Estes craneos têm um volume consideravel, e além da dolicocephalia ha a notar n'elles a fôrma quadrangular das orbitas, o grande prognathismo, a saliencia do mento, ordinariamente triangular, a fôrma arredondada e a extroversão do gonion. Juntamente com estes caracteres observam-se tambem as particularidades anatomicas notadas nos ossos longos dos esqueletos do Monte Junto e da Cesareda.

Occorre agora perguntar se esses restos, em vista da conformação particular que apresentam, não poderão referir-se a alguma das raças prehistoricas conhecidas.

É com a maior reserva que ousou fazer uma approximação que, effectuada sem restricções, talvez fosse ao menos prematura. Os caracteres que mencionei, com excepção do grande prognathismo, encontram-se na raça de Cró-Magnon. Não pertenceriam a essa raça os habitantes das cavernas de Cascaes, e ainda os troglodytas dolicocephalos do Cercal e da Cesareda? <sup>1</sup>

Conheço bem que a par das analogias ha caracteres que não concordam com os d'essa raça quaternaria; taes são: a maior altura do craneo, o grande comprimento da face, e o prognathismo mais accentuado. Mas não poderão taes differenças provir da mistura com algum elemento estranho que tivesse vindo alterar a pureza primitiva do typo?

A favor da existencia da raça de Cró-Magnon na Peninsula iberica em tempos prehistoricos posso invocar a auctoridade dos srs. Quatrefages e Hamy que notaram os caracteres da mesma raça nos restos humanos extrahidos de uma caverna dos Pyreneus, e declaram tambem que o mesmo typo ainda se observa, posto que não geralmente, entre os Vasconços <sup>2</sup>.

Ao typo de Cró-Magnon foram tambem referidos pelos srs. Busk, Broca e Salconer um craneo de Gibraltar e outro de uma mina de cobre das Asturias <sup>3</sup>.

Seja como fôr, limito-me a fazer a pergunta, pois julgo a questão muito delicada para me abalançar á sua resolução. Desejando apresentar os factos como elles são, julgo melhor deixar aos que estão incompletamente observados o seu character vago e indeterminado, do que submettel-os a uma explicação que pôde ser simples e clara, mas pôde tambem não estar em harmonia com a verdade.

Setembro—1880.

F. DE PAULA E OLIVEIRA.

<sup>1</sup> O auctor teve a confirmação da sua hypothese nas opiniões emittidas sobre este assumpto pelo sr. Cartailhac e pelo sr. Quatrefages.

<sup>2</sup> *Crania Ethnica*, pg. 89 e seguintes.

<sup>3</sup> Filippe Simões, *Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica*, pg. 139.

## DECADENCIA DA ARTE

---

Com a transformação do christianismo em uma religião politica, desapareceu aquelle sentimento puro da alma popular que o idealisava, e a arte não pode mais elevar-se. É certo que a religião de Jesus, como disciplina moral, e o regimen social em que ella cooperou produziram essas admiraveis concepções artisticas, como as maravilhosas cathedraes da idade media, as imagens dos vidros das egrejas, as figuras expressivas e cheias de ingenuidade dos santos dos grandes pintores dos seculos xiv e xv, os mysterios, as epopêas de cavalleria, a *Divina Comedia* e a hymnologia. A rasão d'este grande acontecimento é que a sociedade de então vivia com unanimidade de crença, crença geral e profunda, como anteriormente as sociedades grega e romana tinham a concepção mythologica do mundo, concepção que dera aos artistas as mais sublimes inspirações — a Homero, a Pindaro, a Appelles, a Phidias, a Praxiteles, etc.

O polytheismo e o christianismo exerciam sobre a sociedade o poder espirital de conciliar todas as emoções; mas logo que este ultimo tomou um character politico, definindo-se dogmaticamente no Concilio de Trento, essas crenças populares tão admiraveis de ingenuidade e candura, cederam, como não podia deixar de ser, o logar aos dogmas intolerantes e autoritarios. Foi o primeiro passo para a decadencia da arte. A pintura, a architectura, a musica, a poesia, resentem-se immediatamente de uma esterilidade que lhes annuncia a morte da inspiração, e sob as regras de um convencionalismo jesuitico, peiores que as correntes dos escravos, e o ideal debate-se em horisontes muito limitados, um humanismo academico aspirando apenas a expressão de um sentimento vago e banal. Foi o reinado da rhetorica. Como diz o sr. Theophilo Braga, no

seu estudo—*Constituição da Esthetica Positiva*<sup>1</sup>, «a pintura veio perder a sua inspiração no maneirismo idyllico; a architectura sob a erudição das ordens gregas, facilmente se deixou falsificar pelos jesuitas; calaram-se os grandes hymnographos como Jacepane da Todi ou Thomaz Celano, substituidos pelas affectadas e correctas strophes de Santolins.»

O methaphysicismo, que nunca pode exercer o seu dominio senão em uma parte muito restricta da sociedade e como critica dissolvente, veio apressar a queda da arte com o seu ideal subjectivo de character individual, produzindo obras de fraquissimo alcance e de limitada acção. Deve-se-lhe comtudo o desenvolvimento das noções theoricas.

N'esta phase as concepções artisticas pela rasão exposta, apenas são comprehendidas no grupo educado sob o regimen methaphysico, ficando ignoradas ou completamente despresadas pela grande maioria; perdem a comunicação fecunda do povo.

O artista em presença d'este estado, sente uma necessidade immensa de sahir do limitadissimo campo em que inconscientemente se collocou, e que o prejudica na admiração simples dos seus adeptos; mas a ausencia de um publico sufficientemente educado, a divisão dos espiritos ainda hoje, parte para o theologismo, parte para a methaphysica, e a falsa noção das cousas que elle possui, tudo isto fal-o conservar n'uma especie de adormecimento que o esterilisa ou n'uma embriaguez que lhe arrebatá todos os sonhos de gloria.

Pela divergencia de opiniões que actualmente existe, isto é, pelas concepções contradictorias—theologica e metaphysica—que o homem tem do universo, vemos apparecerem algumas obras de arte que são admiradas por uns e rebaixadas por outros, sem que nenhuma arrebate n'uma admiração geral. Eis a prova mais simples de que a methaphysica, apesar de importantes especulações theoricas, nunca poderá fundar o quer que seja de grande e estavel.

Isto assentado, crêmos que o grande futuro da arte está reservado para quando uma nova ciencia dirigir a sociedade, unindo-a n'uma comprehensão unica, definida. A admiração será geral, unanime, e não d'uma parcella cujas aspirações e crenças são viciadas por essas divagações do absoluto que atrophiam o cerebro, que escurecem os horisontes da rasão desvairada por entidades subjectivas.

Se uma perfeita conformidade de ideias e de sentimentos sus-

---

<sup>1</sup> *O Positivismo*, 1.º anno, n.º 6.



tinha e animava mutuamente os artistas e o publico, na Grecia e na Edade media quando os regimens theologicos tocavam o auge do esplendor, tirando da mesma fonte aquelles a inspiração, este o enthusiasmo e admiração arrebatadora, como deixaremos de afirmar que a concepção positiva do mundo é que ha de elevar a arte ao apogeo da perfectibilidade? Teremos a arte consciente; haverá artistas e publico e não esse desaccordo lastimavel das consciencias que é a principal causa da degradação das artes no nosso tempo, porque as destitue de um destino. Vêr d'outro modo é um erro porque aquelle que verdadeiramente tem intuição artistica, reage já contra o meio esterilizador que lhe corrompe as faculdades creadoras, procurando por instincto a noção ideal na realidade das cousas, ás vezes aproximando-se em extremo do concreto, o que o amesquinha nos processos descriptivos.

Terminada essa desorientação dos espiritos que os desune, que os faz alimentar sentimentos incoherentes, que gera os odios e malquerenças, o egoismo que estabelece o conflicto das personalidades, o mal estar social, a obra d'arte que é sempre o producto do seu meio, variando com as noções que o homem possui das cousas, terá attingido o perfeito ideal em harmonia com o sentimento do artista e do publico, unidos por essa crença profunda e definida que lhes dá a comprehensão da realidade, o conhecimento positivo do mundo. Esse bem commum que se espera e em que dominarão os sentimentos altruistas, fazendo estreitar a humanidade n'um fraternal abraço universal, é já prophetisado pela Philosophia positiva. A este estado é que todos mais ou menos aspiram, porque será o unico regimen solidario de paz e concordia entre os sentimentos e as opiniões.

REIS DAMASO.

# POESIA

---

## POEMAS MODERNOS

### I

DURA LEX, SED LEX.

Ó Padres, vós bradaes que um vento triste  
Sopra de lá das bandas do deserto  
E que destroça tudo quanto existe,  
Todas as cousas que de longe e ao perto  
Captivam vossa larga phantasia...  
Quão perto vem o sol do novo dia!

Esse vento satânico, maldito,  
Desencadeia as ondas do oceano  
E leva até aos astros do infinito  
As azas *vis* do pensamento humano.  
Faz aluir os thronos e os altares,  
Atirando procellas pelos ares.

Do seu madeiro o Christo é despregado  
E exposto ás irrisões da populaça;  
Volta as costas ao templo arruinado  
O viandante que na rua passa.  
A Biblia santa, as velhas prophecias  
Servem para fazer mythologias.

Ó Padres, vós dizeis que um duro vento  
Assopra sobre os mundos e os condemna;  
Rasgou-se de alto á baixo o firmamento,  
Do mathematico á rasão serena;  
E são agora as pontas de um compasso  
Quem marca as orbitas aos reis do espaço.

Ninguém suppõe desgraças nos cometas  
Ou sentimentos mysticos na lua;  
E são só os amantes e os poetas  
Que erguem as mãos a um astro que fluctua.  
A vasta herança das passadas eras  
Eil-a desfeita em cinzas e chimeras.

E se hoje emmudeceram as estrellas  
E as nuvens já não dão nenhuns oráculos,  
Tambem as plantas virides e bellas  
Não são apparatusos tabernáculos,  
Onde, na paz dulcissima da noite,  
Um poderoso espirito se acoite.

O rispido escarpello abriu os peitos  
Dos phantasmas, das sombras, dos peccados.  
Ninguém teme exorcismos ou despeitos  
De bispos e pontifices sagrados,  
Lavoisier, com a lucida balança,  
Apontou-nos as portas da esperança.

Elle sondou as lagrimas e os gritos,  
Entrou nos corações da humanidade.  
As flores, com seus canticos afflictos,  
O fogo, a terra, o mar, a immensidade,  
A grandeza despotica, a miseria  
Revelaram-lhe as almas da Materia.

Nada se cria, nada se aniquila;  
É uma onda a vida, uma batalha;  
E inda que o homem nasceu na fria argilla  
Como as heras nas fendas da muralha,  
A alma chegou depois, só quando ao dia,  
Tinha chegado a vã Philosophia.

Ó Padres, não clameis que um vento forte,  
Um heretico vento, tudo leva.  
Se os sabios já não podem crer na morte,  
Nem no exilado Principe da tréva,  
—E, quando o trovão soa e o raio brilha,  
—Não descubrem nenhuma maravilha:

É porque, só depois de centos de annos,  
Elles poderam ver o fundo ás cousas,  
Desveandar os mysterios soberanos  
E revolver o pó frio das lousas.  
Padres, se os desalentos vos consomem,  
É porque o Homem, em fim, sabe que é homem!

## II

## NO CALVARIO

Tinha cahido a noite no Calvario,  
Soprava o vento eterno da amargura,  
E na sombra floria a dôr escura  
Como lugubre conta de rosario.

De longe em longe um astro solitario  
Abria os olhos na celeste altura...  
O céu, como fechada sepultura  
De algum Rei abatido e legendario.

Jerusalem chorava-se distante,  
N'essa hora em que Jesus agonisante  
Recebia os sarcasmos dos judeus...

Então um dos ladrões crucificados  
Disse, torcendo os braços estirados:  
—Ó Christo! qual de nós é que é o deus?

Praia de Mathosinhos,  
5 de setembro de 1880.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

## VARIEDADES

---

### **Congresso Internacional d'Anthropologia e d'Archeologia prehistoricas**

Um dos factos que mais accentua a marcha do progresso humano no seculo actual é a tendencia sempre crescente para a unidade de acção entre todos os povos civilisados; é por assim dizer a comprehensão gradual da solidariedade humana que se manifesta brilhantemente n'estas grandes solemnidades internacionaes:—Exposições e Congressos. As primeiras representam a liga das forças materiaes ou industriaes; as segundas são a liga das forças intellectuaes ou scientificas. Aquellas significam a alliança dos diversos factores do poder temporal; estes têm a orientação do poder espirital, são os concilios da sciencia.

No mez passado realisou-se em Portugal um d'estes importantes concilios, a que já nos referimos no numero anterior. Foi a nona sessão do *Congresso Internacional d'Anthropologia e d'Archeologia prehistoricas*, cuja abertura se verificou no dia 20 de setembro. As sessões ordinarias do Congresso começaram no dia 21 e continuaram nos dias 23, 25, 27 e 29 havendo duas em cada dia.

No dia 22 effectuou-se a excursão a Otta, Azambuja e Monte Redondo, no dia 24 a Santarem, Mugem e Cabeço d'Arruda e no dia 28 a Cascaes e Cintra.

Entre os estrangeiros que vieram a Portugal para assistir á nona sessão do Congresso internacional d'Anthropologia e d'Archeologia prehistoricas, contam-se os srs. Virchow, celebre professor da universidade de Berlin; Quatrefages, membro do Instituto de França e professor do Museum de Paris, erudito defensor da unidade da especie humana; Oppert, distincto orientalista e professor do Collegio de França; Henri Martin, o illustre historiador francez e senador da Republica; G. Capellini, professor e representante da Universidade de Bolonha; E. Cartailhac, presidente da secção anthropologica da associação franceza e director da revista *Matériaux pour l'histoire primitive de l'homme*; Mortillet, anthropologo distincto e fundador da mesma revista; J. Cornu, professor da universidade de Praga; John Evans; E. Quinet, presidente do congresso dos orientalistas de Lion; A. Blomme; Bermans, conservador dos archivos do estado; G. Helme, membro da sociedade anthropologica d'Allemanha; Magitot, secretario geral adjuncto da sociedade anthropologica de Paris e representante do ministro da instrucção publica de França; Lissaver, presidente da sociedade anthropologica de Dantzie; L. Pigorini, director do museu prehistorico de Roma; F. Romer, antigo secretario geral do congresso de Budapesth; J. Villanova, professor de paleontologia na universidade central de Hespanha, etc. etc.

A falta de espaço não nos deixa publicar um extracto desenvolvido das interessantes sessões do Congresso, e por isso limitar-nos-hemos a dar uma resumida ideia da discussão sobre o ponto principal que chamou a atenção dos congressistas e que foi, como já tivemos occasião de dizer, a existencia do homem miocene em Portugal.

Na sessão da manhã de 21 leu o sr. Carlos Ribeiro parte de uma memoria sobre este assumpto, baseando-se nos vestigios do trabalho humano em silex achados nos depositos fossiliferos vegetaes da parte superior das camadas miocenas. Fallando em seguida o sr. Mortillet asseverou existirem nas importantes colleções do sr. Carlos Ribeiro uns 20 ou 30 silex com signaes de terem sido talhados intencionalmente; mas faltava averiguar se o terreno onde foram encontrados era ou não terciario, o que se verificaria no dia seguinte. O sr. Evans pediu que quem achasse um d'esses silex no terreno, que ia ser examinado, o não tirasse sem que os mais congressistas o tivessem estudado na posição em que fosse descoberto. Disse o sr. Capellini que o que ficava para resolver á vista do terreno era a questão geologica, pois emquanto aos silex não havia duvida. O sr. Schaaffhausen sustentou as suas duvidas sobre o homem terciario do sr. Capellini, já apresentadas no congresso de Budapesth, lendo uma memoria sobre o homem prehistorico. O sr. Quatrefages respondendo ao sr. Schaaffhausen corroborou os argumentos favoraveis á existencia do homem terciario, insistindo em que os silex só podem ter sido lascados pela mão do homem. Por proposta do sr. Virchow foi nomeada uma commissão para estudar os terrenos em discussão.

Na sessão de tarde de 23 o sr. Choffat apresentou as conclusões da commissão; eram quatro os quesitos: 1.º Sobre a posição do terreno: todos estiveram de accordo com os geologos portuguezes; 2.º Se ha ou não fracturas conchoidas de percursão nos silex: sim em muitos; 3.º Se essas fracturas provam intencionalidade: divergiram as opiniões, achando o sr. Mortillet que um exemplar basta para o provar, e o sr. Evans que muitas fracturas dão probabilidades á acção intencional; 4.º Se os silex foram achados na superficie do terreno ou no interior: houve diversas opiniões; os srs. Mortillet e Evans admittem que parte dos silex é da epoca terciaria e que a outra é posterior.

No dia 25 na sessão de manhã discutiu-se esta importante questão. O sr. Mortillet fez a analyse dos silex lascados de Monte Redondo provando a intencionalidade pelos pontos de percursão e pelas faces lascadas por pancada, signaes evidentes da mão do homem; affirmou que o terreno é terciario, o que não podia ser posto em duvida por nenhum dos congressistas, como tambem não se podia admittir que os silex haviam sido levados para ali em epoca posterior, descreveu as camadas lacustres, em que se encontravam muitos silex, apresentou um arrancado do grés terciario pelo sr. Bellucci e terminou dizendo-se convencido de que o homem habitou a margem d'aquelle antigo lago na epoca terciaria. Respondendo-lhe o sr. Evans, confessou que ha em alguns silex os signaes descriptos pelo sr. Mortillet, mas crê que se podem dar sem ser pela acção do homem; disse não concordar com as conclusões dos srs. Carlos Ribeiro e Delgado, lamentou não vêr distinctos os silex das camadas miocene e pliocene, e serem poucos os exemplares e estes mesmos terem os caracteres mal definidos para se poder resolver uma questão tão importante para a sciencia. O sr. Capellini disse que é evidente o terem-se encontrado silex talhados; portanto ou aceitam-se como documentos indabitaveis, ou regeitam-se, mas n'este caso têm de ser rejeitados todos os vestigios da idade de pedra; depois da excursão não achava admissiveis duvidas, e principalmente depois do silex arrancado pelo sr. Bellucci na presença de varios membros do congresso; em quanto á questão geologica tambem a julgava resolvida pois que o terreno é miocene medio ou superior; citou alguns exemplos para o comprovar. Para o sr. Villanova, que logo em seguida tomou a palavra, o terreno é semelhante

a alguns da epocha quaternaria, estudados por elle em Hespanha, e os silex foram tirados da superficie do terreno, quando se deveriam procurar no interior. O sr. Cartailhac fez algumas observações a proposito do grés pegado ainda ao silex do sr. Bellucci e este disse como descobrira aquella pedra e que depois d'esta descoberta ninguem tem o direito de duvidar do homem terciario em Portugal. O sr. Evans ainda sustentou que se deviam esperar novas descobertas mais caracteristicas, e o sr. Cotteau expoz duvidas sobre a epocha dos silex, onde ha signaes evidentes da mão do homem, que podem ter sido levados para ali pelas aguas; em seguida o sr. Virchow sustentou que os córtes em que os seus collegas veem vestigios humanos, podem ser resultado de uma acção da natureza pois que se assemelham ás faces que algumas vezes mostram os silicates e outros mineraes, que decerto não provam a existencia do homem; prometeu apresentar provas no seguinte congresso e pediu que a discussão ficasse addiada até lá. O sr. Delgado insistiu na questão geologica, dizendo ser o terreno da epocha miocene, como o provam os grés em que se acharam os vestigios em discussão. O sr. Quatrefages fez a historia dos descobrimentos prehistoricos, disse que talvez o homem fosse mesmo contemporaneo dos mammiferos secundarios; que a sua existencia era indubitavel na epocha terciaria, pelo menos em Italia; mas emquanto ao homem miocene de Portugal não vê ainda provas sufficientes; no entanto espera que appareçam para levarem a convicção a todos os cerebros. Por ultimo o sr. Virchow encerrou o debate pedindo aos geologos portuguezes para levarem ao futuro congresso materiaes novos que possam esclarecer o assumpto.

Aqui têm os leitores como ficou a questão do homem miocene em Portugal; não está morta, como pretendem alguns espiritos indisciplinados; pelo contrario, a convicção estendeu-se a muitos cerebros, onde ha pouco havia as mesmas duvidas que ainda têm os srs. Evans, Virchow, etc. A este respeito lembraremos as seguintes palavras de Wyruboff: «Nada se faz na humanidade de um dia para o outro; nenhuma verdade, por mais evidente que seja, se impõe sem lucta, sem resistencia, sem hesitações; na ordem objectiva, como na ordem subjectiva, os principios mais claros não triumpham senão depois de longos e constantes esforços.» É uma grande verdade.

Depois d'esta a questão mais importante, que se tratou no congresso, foi talvez a da anthropophagia, levantada pelo sr. Delgado com a leitura da sua memoria sobre os depositos ossiferos das grutas de Casareda, e Casa da Moura; o illustre geologo portuguez crê que os troglodytas que habitaram estas grutas eram anthropophagos, baseando esta opinião nos vestigios humanos encontrados; alguns dos congressistas estrangeiros combateram as conclusões do sr. Delgado e foi nomeada uma commissão para estudar o assumpto. Os membros nomeados não chegaram, porém, a accordo, pronunciando-se os srs. Mortillet e Cartailhac contra a anthropophagia dos troglodytas, e achando outros possivel, mas não provada ainda.

Além dos precedentes assumptos o congresso occupou-se d'outras questões anthropologicas, ouvindo a leitura ou exposição de memorias e communicções feitas pelos srs. Oswald e conde de Ficalho sobre a flora terciaria de Portugal; barão de Baye sobre a trepanação dos craneos, sobre os instrumentos de pedra na epocha dos metaes, sobre os indicios da transição da idade de pedra polida para a do bronze, etc.; Ernesto Chantre sobre os phenomenos do periodo glaciario na bacia do Rhodano, sobre a industria de uma epocha de transição entre a neolithica e a idade de bronze, sobre as necropoles da primeira idade do ferro no Caucaso; Delgado sobre as grutas de Peniche; Frederico de Vasconcellos sobre os depositos superficiaes da bacia do Douro; Cazalis de Fondouce sobre a semelhança de caracteres dos depositos artificiaes da Provença com os de Portugal; Pegorini sobre um tumulo neolithico da provincia Romana com um esqueleto que revela o uso de mascaras funebres e sobre uma necro-

pole da idade de bronze na Italia; Oliveira Feijão sobre uma microcephala existente em Rilhafolles; Magitot sobre as mutilações ethnicas, sobre silex cortados e encavados da epoca merovingiana; Paula e Oliveira sobre a craneologia ethnica de Portugal; Bellucci sobre o culto da pedra; Henri Martin sobre o typo ethnico e anthropologico dos iberos, sobre a mythologia gauleza; Adolpho Coelho sobre os cultos peninsulares anteriores ao dominio romano, sobre as relações pretendidas dos macrocephalos de Hippocrates com os Cimbro; Consiglieri Pedroso, sobre algumas formas do casamento popular em Portugal; Quinet sobre a trindade indica; Villanova sobre a idade de bronze na Peninsula; Pawinski sobre os cemiterios da idade de ferro na Polonia; Oppert sobre a chronologia prehistorica; Carlos Ribeiro sobre os kjökkenmøddings do vale do Tejo; etc. etc.

O congresso fechou no dia 29.

Dando esta breve noticia não pretendemos mais do que deixar archivado n'esta revista do movimento contemporaneo, um facto realmente importante para o nosso paiz—a reunião de um congresso scientifico em Portugal; — facto importante, não tanto pelas discussões que ali se travaram, como por chamar a attenção da mocidade portugueza para as graves questões scientificas. Esperamos que o interesse despertado não será improductivo.

TEIXEIRA BASTOS.

### A canção do Amadis de Gaula

A publicação do vasto Cancioneiro provençal portuguez, que pertenceu ao erudito italiano da Renascença Angelo Colocci, pelos eruditos philologos Monaci e Molteni, e consagrada tambem á commemoração do terceiro centenario de Camões, veio enriquecer com mais quatrocentas e quarenta e duas Canções a já espantosa collecção lyrica contida no Cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano. Entre essas Canções apparecem bastantes composições de gosto popular, em que a litteratura portugueza é com certeza uma das mais ricas da Europa; mas sobretudo na presente publicação apparece um documento decisivo para demonstrar a origem portugueza do *Amadis de Gaula*, e dar realidade a um certo numero de tradições ácerca da formação d'esta novella cavalheiresca. Sob o numero 230 e 232, acham-se dois fragmentos de uma Canção assignada por *João Lobeira*, trovador da cõrte de D. Diniz, onde fõra escripta a novella, como consignou em algumas linhas Miguel Leite Ferreira no fim do seculo xvi. Essa Canção tem a extraordinaria particularidade de conservar o retornello seguinte:

Leonoreta sin roseta  
Bella sobre toda fror,  
Sin roseta non me meta  
En tal coita vosso amor.

Este estribilho ou *tornel*, como se chamava na Poetica trobadoresca portugueza, conserva-se tambem nos versos da canção intercalada no texto castelhano do *Amadis de Gaula*, segundo a paraphrase de Montalvo; por isto se vê a proveniencia do texto mais antigo a que allude o proprio Montalvo, e como a sigla da emenda por ordem do principe D. Affonso de Portugal, no episodio dos amores de Briolanja, é uma realidade confirmada pela existencia da canção de João Lobeira no texto castelhano.

Temos para nós que a primeira redacção dos tres livros do Amadis de Gaula pertence a João Lobeira; e que a redacção do quarto livro pertence a Vasco de Lobeira, filho ou parente do trovador dionisiaco. Justificamos o nosso



ponto de vista com as palavras do chronista Gomes Eanes de Azurara, na *Chronica do conde D. Pedro*, que diz ter escripto Vasco de Lobeira em tempo de el-rei D. Fernando. A erudição de Azurara não permittia um engano tão capital, revocando um escriptor da epoca de Dom Diniz para o tempo de D. Fernando; houve portanto depois da primitiva redacção do *Amadis de Gaula* por João Lobeira, um outro desenvolvimento que entendemos ser o *quarto livro*, por Vasco de Lobeira, que é como diante do facto trazido á sciencia pelo Cancioneiro de Colocci se póde entender a phrase de Azurara. Eis a Canção 230, de João Lobeira, reduzida pelo processo critico ao seu typo estrophico:

Senhor, genta mi tormenta  
Voss'amor em guisa tal,  
Que tormenta que eu senta  
Outra nom m'é ben nen mal,  
Mays la vossa m'é mortal.

Leonoreta sin rosetta  
Bella sobre toda fror,  
Sin roseta nom me meta  
En tal coita vosso amor.

Das que vejo non desejo  
Outra senhor, se vós non;  
E desejo tan sobejo  
Mataria hun leom,  
Senhor do meu coraçom.

Leonoreta sin roseta  
Bella sobre toda fror,  
Sin roseta nom me meta  
En tal coita vosso amor.

Mha ventura en loucura  
Me meteu de vos amar,  
É loucura que me dura  
Que me non posso en quitar,  
Ay fremesura sem par.

Leonoreta sin roseta  
Bella sobre toda fror,  
Sin roseta nom me meta  
En tal coita vosso amor.

Resta-nos comparar agora as formas da Canção intercalada na prosa da novella do *Amadis de Gaula*, e vêr como o traductor hespanhol conservou inconscientemente os vestigios de uma fôrma portugueza primitiva <sup>1</sup>. Pelo texto

<sup>1</sup> O erudito Monaci intenta este mesmo processo em um artigo na revista *Rassegne settimanale*. Em carta de 13 de agosto dá-nos noticia da importancia d'este facto: «Vi troverai in esso (Cancioneiro Colocci-Brancuti) un documento molto interessante per la questione dell *Amadigi*. E la poesia del Lobeira *Lonoreta sin roseta*, che si ritrova in una forma molto piu corretta ed autentica che non nella edizione del Romanzo di *Amadigi*, e quindi offre un bell'argomento in favore della opinione sostenuta da te.»

Na canção n.º 428 do Cancioneiro Colocci-Brancuti, encontra-se a mesma forma do *tornel* da Leonoreta, o que leva a inferir da sua vulgarisação:

Lop'Anaya non se vaya,  
Ca, senhor, se s'ora vay,  
E lbe frorecer a faya  
A. alguen jogará lay.

da copia de Colocci, vê-se que a canção de João Lobeira está fragmentada e interpolada, estando sob o n.º 230 uma estrophe, e sob o n.º 232 duas estrophes; o traductor hespanhol não comprehendeu a fórma strophica, nem o lexapren da rima, e encontrou mais estancias, que faltam no Cancioneiro. Vê se que a necessidade da traducção (liv. II, cap. 11) o dirigiu a alterar o typo poetico, mas a conservação da «*cancion que por vuestro amor Amadiz fizo siendo vuestro caballero*» é a prova irrefragavel de um texto elaborado na côrte de D. Diniz, onde florescia João Lobeira. Isto confirma a descripção do antigo manuscrito portuguez visto no fim do seculo XVI na Casa de Aveiro por Miguel Leite Ferreira.

No livro I, cap. 40, onde se conserva a declaração da emenda do episodio de Briolanja mandada fazer pelo *principe D. Affonso de Portugal*, este facto fixa a epoca da elaboração da novella, na menoridade de D. Affonso IV.

Na novella de *Amadis de Gaula* (livro II, cap. 11) a canção começa pelo estribilho:

Leonoreta sem roseta  
Bella sobre toda fror,  
Sin roseta non me meta  
En tal coita vosso amor.

Sem ventura en em loucura  
Me meti em vos amar,  
He loucura que me dura  
Sem me poder apartar;  
Ay fremosura sem par,  
Que me dá pena e dulçor,  
Sin roseta no me meta  
Em tal coita vosso amor.

De (todas) as que eu vejo não desejo  
Outra se vós não servir  
Bem vejo que meu aneio  
D'onde não posso sair;  
Pois que não posso fugir  
De ser vosso servidor,  
Não me meta sin roseta  
Em tal coita vosso amor.

Inda que a queixa parece  
Referir-se a vós seõor,  
Da vida que desfalece  
Outra é a vencedor,  
.....  
.....  
Sin roseta no me meta  
Em tal coita vosso amor.

De me fazer toda guerra  
Aquesta tem o poder,  
Que morto viva sob terra  
Aquesta póde fazer  
Sem eu vol-o merecer;  
Bella sobre toda fror,  
Sin roseta no me meta  
Em tal coita vosso amor.

Por este arranjo de alternancia de alguns versos, vê-se que a traducção de Montalvo se reduz ao typo estrophico de João Lobeira, mas não é possível recompôr o *encadeado* da rima, que o trovador portuguez conserva na sua redacção. No texto conservado por Montalvo apparecem mais duas estrophes, que faltam na lição do Codice de Colocci, mas tambem carece da estrophe n.º 230 do monumento dos trovadores portuguezes.

D'estas omissões mutuas entre o Cancioneiro e a Novella, vê-se que a canção do Amadis andou na tradição oral, talvez em fôrma de descante, sendo apesar das deturpações o texto da Novella, como mais extenso, o mais proximo da redacção litteraria, e o do Cancioneiro proveniente da mélica trobadoresca.

Em ambos os textos ha porém versos escriptos a seguir como em prosa, e mal cortados nos seus hemystichios, o que attendendo ao vigor da cultura poetica tanto do seculo XIV como XV, só se póde explicar pelo modo como se escreve sob a pauta musical. Por ventura o applauso d'esta Chacone d'Amadis, é que fez com que ella fosse introduzida na primitiva redacção portugueza da novella.

THEOPHILO BRAGA.

### Uma Salva, do seculo XIV

Entre as fôrmas da poesia popular portugueza da idade média, existia sob o nome de *Salva* uma cantiga sagrada, da qual se conserva o typo em Gil Vicente, nos versos que «se diziam á hora da salva»:

Bom Jesus, nosso senhor,  
Ha por bem de nos salvar...

No grande *Cancioneiro de Colocci*, achado modernamente em Italia por Molteni e impresso como continuação do grande Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do Vaticano, acha-se sob o numero 259 uma Salva completa, attribuida a D. Affonso de Castella e Leon, (Affonso XI) de um extraordinario merecimento, pelo seu valor tradicional. Publicamol-a aqui reduzida pelo processo critico á sua authenticidade.

Deus te salve, gloriosa  
Reinha Maria;  
Lume dos santos, fremosa  
E dos ceos via.

Salve-te, que concebiste  
Mui contra natura;  
E pois teu Padre pariste  
E fiscast'i pura  
Virgen, e poren subiste  
Sobre la altura  
Dos ceos porque quisiste  
O que el queria:  
Deus te salve, gloriosa  
Reinha Maria,  
Lume dos santos, fremosa  
E dos ceos via.

Salve-te, que encloisti  
 Deus gran sen mesura ;  
 En ti d'ele fizisti  
 Hom'e creatura;  
 Esto foi por que houvisti  
 Gram sen e cordura,  
 En creer quando oiste  
   Sa mensejaria:  
   Deus te salve, gloriosa  
   Reinha Maria,  
   Lume dos santos, fremosa  
   E dos ceos via.

Salve-te Deus, cá nos diste  
 En vossa figura  
 O seu filho que trouxiste  
 De gram fremosura,  
 E con el nos remiisti  
 Da muy gram loucura,  
 Que fez Eva e vencisti  
   O que nos vencia;  
   Deus te salve, gloriosa  
   Reinha Maria,  
   Lume dos santos, fremosa  
   E dos ceos via.

Salve-te Deus, cá tolhisti  
 De nós gram tristura  
 Hu per teu filho frangisti  
 A cárcer scura  
 Hu vayamos, e metisti  
 Nós em gram folgura  
 Com quanto bem nos viisti  
   Quem no contaria?  
   Deus te salve, gloriosa  
   Reinha Maria,  
   Lume dos santos, fremosa  
   E dos ceos via.

THEOPHILO BRAGA.

# BIBLIOGRAPHIA

---

## SCIENCIA DAS RELIGIÕES ORIGENS POETICAS DO CHRISTIANISMO

POR THEOPHILO BRAGA

(VIII—296 pag. in-12. Porto—Livraria Universal—1880)

---

No momento actual vemos as instituições decadentes e desde muito condemnadas a desaparecer pela evolução historica, tentarem manter o seu velho predominio e readquirir as perdidas forças, afim de continuarem a especular com as multidões em proveito das dynastias reinantes e das classes privilegiadas. O estado de desenvolvimento intellectual das sociedades reflecte-se sempre nas suas instituições, como o estado mental de um individuo tem influencia directa em todos os seus actos; até hoje têm sido as religiões a base ou o esteio intellectual de todos os systemas governativos, porque os cerebros atrasados das sociedades preteritas se satisfaziam com as concepções theologicas e absurdas do universo, a cujas explicações conformavam todo o seu viver particular e colectivo. É por isso que ainda vemos hoje as instituições politicas, desacreditadas e vacillantes, sentindo fugir-lhes o terreno debaixo dos pés, procurarem apoio nas instituições religiosas, ás quaes durante muito tempo disputaram o dominio temporal que estas, pelo abuso do poder espirital, a pouco e pouco haviam conquistado. Mas as instituições religiosas estão igualmente n'uma phase adiantada da sua dissolução e cedem todos os dias o campo aos progressos constantes das sciencias e da philosophia; no entanto a ignorancia das massas populares promete ainda conservar de pé por algum tempo o dogmatismo esterilizador da religião christã, e o clero de mãos dadas com as classes dominantes e com

as familias dynasticas trabalha para manter e prolongar por largos annos, indefinidamente, a sua tutela sobre as consciencias.

N'este estado de cousas, crêmos, que o melhor combate que se pôde travar contra os inimigos do progresso, é esclarecer os espiritos levando á intelligencia popular o conhecimento das leis naturaes e as noções positivas das sciencias. Como é o christianismo a base intellectual em que assentam as sociedades hoje decadentes, tudo quanto explique scientificamente esta doutrina religiosa e as causas do seu apparecimento no seio da sociedade deve ter um lugar especial entre todos os materiaes destinados a cultivar o espirito ignorante e fanatico das massas populares. Está n'este caso o novo livro do sr. Theophilo Braga—*Origens poeticas do Christianismo*, em que o auctor com erudição e claresa expõe em quatro capitulos os principaes elementos que entraram na constituição d'esta doutrina; o fim salutar e positivo da obra acha-se consignado nas seguintes palavras: «O poder espiritual do Christianismo está quebrado, e o poder espiritual da Sciencia ainda não está reconhecido nos costumes; as leis civis ainda se subordinam a sacramentos, os actos politicos ainda invocam destinos providenciaes. Contribuir para que passe um tal estado moral deve ser um dos trabalhos mais serios de todo o homem que pensa, e essa anarchia só se poderá extinguir auxiliando a dissolução do poder que tende a ser eliminado pela propria evolução da sociedade, fazendo com que mais cedo se reconheça esse outro poder que nos vem não de uma tradição morta e transmittido já sem sentido, mas da actividade da vida intellectual no seu esforço de conhecer o conditionalismo do meio cosmico e de determinar-se conscientemente.» (pag. 4). Deve ser esta a tendencia de todos os trabalhos modernos, procurando unificar as opiniões e as ideias na disciplina mental da Philosophia positiva, isto é concorrer para a completa integração da humanidade.

No capitulo 1 das *Origens poeticas do Christianismo*, sob o titulo de *Persistencia dos cultos fetichistas no Christianismo* apresenta-nos o sr. Theophilo Braga o fundo sensualista d'esta religião, baseada nos mythos orgiasticos do chthonismo e dos cultos phallicos, d'onde tirou a Virgem-Mãe e o sacrificio do homem, restos symbolicos do fetichismo primitivo. A estes elementos mythicos aggregaram-se outros muitos, derivados na parte cultural da seita dos nazarenos, dos essenios, therapeutas, gymnosophistas, etc.; e na parte moral da philosophia pythagorica e neo-alexandrina. Assim o christianismo sahio do confuso syncretismo de todas as religiões e philosophias da antiguidade, devido á aproximação forçada das civilisações egypcia, judaica, indiana, hellenica, etc., pelas successivas conquistas dos Romanos. Tendo consagrado o capitulo 1 aos

vestigios fetichistas, o distincto professor estuda no capitulo II os *Vestigios polytheistas do mytho orgiastico christão*, mostrando as relações do christianismo com a lucta entre o bem e o mal ou entre a luz e as trévas, com o culto do fogo e com o mytho solar de Mithra, o deus que morre na flôr da idade e ressuscita como o Christo. Seria impossivel n'uma breve noticia como esta fazermos um resumo, por mais conciso que fosse, de todas as approximações e de todos os parallellos que o dr. Theophilo Braga estabelece entre o christianismo e as religiões que o precederam; basta dizer que na personalidade de Jesus «existem syncretisados bastantes elementos mythicos dos cultos solares syro-phenicios, phrygio-hellenicos, medo-persas, e nas fórmulas cultuaes conservam-se bastantes residuos de mythos áricos das raças indo-europêas.» (pag. 85).

O capitulo III trata da *Assimilação do polytheismo árico e indo-europeu ás fórmulas cultuaes da Christianismo*; n'elle o auctor occupa-se dos elementos áricos, de que se serviu a religião christã para se espalhar no occidente, começando pela formação do mytho de Christna ou Krischna, anterior ao periodo ária, e nascido no seio das populações kuschitas ou negras que posteriormente formaram a casta dos Sudras na India. O mytho do Christna desenvolveu-se depois da denominação dos Árias em opposição a Indra, que decaía, e mais tarde entrou na elaboração poetica, apparecendo nos *Vedas* com um character mythico e no *Mahabharata* com um character heroico, havendo entre um e outro um largo periodo de silencio que marca a decadencia do mytho nas lendas populares. Christna recebeu o character divino quando o triumpho do budhismo obrigou os brahmanes a transigirem com a doutrina vedanta. Foi então que começou a ser adorado como deus. N'este capitulo o sr. Theophilo Braga mostra as relações profundas d'este mytho com o Christo, e destroe as falsas supposições de alguns catholicos que chegaram a inventar o apostolado de S. Thomé na India para poderem explicar as analogias fundamentaes entre o christianismo e o desenvolvimento poetico do mytho de Christna, não querendo reconhecer a prioridade d'este e a dependencia d'aquelle, como o revelam os symbolos christãos dos primeiros tempos da nossa éra. Diz o illustre professor: «A ideia de um *mediador*, que se sacrifica pela humanidade, é de origem medo-persa, como o provou Bunsen; a ideia da encarnação da divindade pertence propriamente ao systema theologico indiano do culto de Agni e dos *avatars*. Estes dois systemas actuaram em diversas epochas na constituição religiosa do Christianismo; os dogmas e symbolos da *Natividade*, como observou Burnouf, prevaleceram até ao quarto seculo, e coincidem com a *disciplina arcani*, em que as cerimoniaes eram occultas e as explicações doutrinaes se faziam por symbolos alle-

goricos, e por grãos de iniciação. É por isso que esta corrente indiana do Christianismo é a que se acha mais claramente nos symbolos christãos das Catacumbas, e a que ainda persiste sem sentido na parte ritualistica da Igreja, e tambem a ultima que foi descoberta pela erudição historica.» (pag. 249). O capitulo iv e ultimo tem por titulo *Costumes populares do culto solar, que explicam os ritos christãos*. Como o titulo indica, o auctor accumula aqui as tradições em que se acham vestigios do culto do sol no nosso paiz e que servem para explicar a transformação dos velhos mythos nos ritos do christianismo, como a lucta do Sol contra as Trévas, a do Verão contra o Inverno, etc., que têm relações directas com os costumes da serração da velha, da caçada furiosa, das festas do Maio, do enterro do bacalháo, do enforcamento do Judas, do Entrudo, e com as tradições das Ilhas encantadas, da vinda de D. Sebastião, etc. «As esperanças messianicas do *Reino de Deus* e do *Millenio*, diz o sr. Theophilo Braga, derivadas do mytho da resurreição do joven-deus que revive depois da morte prematura, voltaram á sua origem nos costumes populares em Inglaterra com el-rei Arthur, na Allemanha com Barba Roxa, em França com Carlos Magno e em Portugal com D. Sebastião, com mais ou menos vivacidade segundo a intensidade das crenças christãs.» (pag. 294).

As *Origens poeticas do Christianismo* é um trabalho sociologico, onde o sr. Theophilo Braga applica ás ideias christãs o processo rigoroso da Sciencia das Religiões, guiado pela orientação superior da *Philosophia positiva*.

Com esta obra inauguraram os srs. Magalhães & Moniz, acreditados editores portuenses, a *Bibliotheca Scientifica Moderna* destinada a prestar um importante serviço ao desenvolvimento nacional, «vulgarizando as acquisições mais recentes da elaboração scientifica moderna, relacionando Portugal com os grandes centros da actividade mental, e ao mesmo tempo proporcionando aos talentos generosos da actual geração portugueza o meio da livre expansão das suas faculdades.»

É digna de elogio esta nova empresa dos corajosos proprietarios da Livraria Universal, que por esta fórma contribuem de uma maneira effectiva para o desenvolvimento intellectual da nossa nacionalidade.

Agradecemos ao nosso amigo Theophilo Braga o exemplar do seu novo e valioso trabalho, com que nos brindou.

TEIXEIRA BASTOS.